

médico & saúde

Ano II Número 5 Janeiro a Abril 2009

De filho para pai

Crianças e adolescentes
revelam como é ter
pais médicos

CIDADE

O projeto que pretende
levar a internet sem fio
a todo o estado do Rio

BIOÉTICA

A polêmica do placebo
nas pesquisas de
medicamentos

ECONOMIA

Como ensinar os
pequenos a cuidar
do próprio dinheiro

CREMERJ



Caro colega,

Ano novo, vida nova, como diz o ditado. E, no Cremerj, é gestão nova também! Uma gestão que assume para dar continuidade aos projetos desenvolvidos até aqui. A revista Médico & Saúde é um deles. Retomamos as publicações, que agora passam a quadrimestrais, ouvindo não os médicos, mas seus filhos. Na reportagem de capa desta edição, eles contam como é ter pai médico na infância e adolescência. Sem meias palavras e sem esconder as frustrações com os atrasos e as ausências dos pais. Mas, ao mesmo tempo, sem deixar de revelar todo o orgulho que sentem.

Orgulho também é o sentimento de médicos que assumiram o colecionismo como hobby – sejam os objetos das coleções carros antigos, sejam brinquedinhos dos chocolates Kinder Ovo, sejam prendedores de janela. As histórias das peripécias que eles vivem em busca de suas preciosidades estão contadas na seção Comportamento.

Já em Cidade, mostramos as novidades do Orla Digital, que faz parte da Rede Rio, um projeto para dotar todos os 92 municípios do estado de acesso público sem fio à internet até 2010. Na capital, o projeto começou pela praia de Copacabana, hoje o maior hotspot – lugar onde é possível acessar a internet sem fio – gratuito da cidade maravilhosa. Se você passar por lá, aproveite para nos enviar um e-mail. Sugestões, críticas e – principalmente – elogios são sempre bem-vindos! Escreva para medicoesaude@cremerj.org.br.

Boa leitura!

Luís Fernando Soares Moraes

Presidente do Cremerj

Expediente

MÉDICO & SAÚDE

Publicação quadrimestral do Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro – Cremerj para divulgação interna

CONSELHO EDITORIAL

Abdu Kexfe
Aloísio Carlos Tortelly Costa
Aloísio Tibiriçá Miranda
Armando Fernando Mendes Correia da Costa
Arnaldo Pineschi de Azeredo Coutinho
Francisco Manes Albanesi Filho
Luís Fernando Soares Moraes
Márcia Rosa de Araujo
Marília de Abreu Silva
Pablo Vazquez Queimadelos
Paulo Cesar Geraldes
Sérgio Albieri
Sidnei Ferreira
Vera Lúcia Mota da Fonseca

PRODUÇÃO

FSB Comunicações – www.fsb.com.br

EDIÇÃO

FSB Comunicações – www.fsb.com.br
Ursula Alonso Manso

COORDENAÇÃO

FSB Comunicações – www.fsb.com.br
Nathalia Araujo

REPORTAGEM

Natasha Neri
Olga de Mello
Rafael Sento Sé

DIREÇÃO DE ARTE

FSB Comunicações – www.fsb.com.br
Daniele Mazza

ASSISTENTE DE ARTE

FSB Comunicações – www.fsb.com.br
Osmar Salles

PROJETO GRÁFICO

FSB Comunicações – www.fsb.com.br
Bruno Soares Bastos

DIAGRAMAÇÃO

FSB Comunicações – www.fsb.com.br
Fernanda Fontenelle

ILUSTRAÇÃO

FSB Comunicações – www.fsb.com.br
João Forni - jforni

FOTOGRAFIA

Macarena Lobos

IMPRESSÃO

Antograf

TIRAGEM

55 mil exemplares

Para enviar cartas e sugestões: cremerj@cremerj.org.br

Índice

Capa



Filho de médico

15

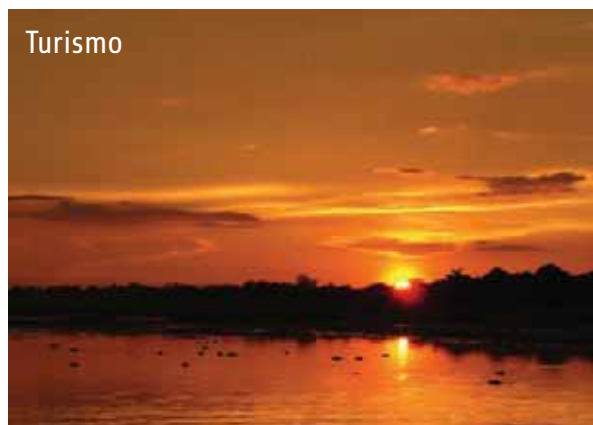
Comportamento



Colecionismo

27

Turismo



Amazônia

34

Foto de divulgação

Entrevista	4	História	11	Bioética	24	Compras	38	Em foco	42
Cidade	7	Medicamentos	20	Economia	30	Cultura	40		

O representante de uma causa dos médicos

Luís Fernando Soares Moraes assume a presidência do Cremerj com a missão de dar continuidade a projetos iniciados pela Causa Médica



Estar à frente do Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro (Cremerj) não é, para seu recém-empossado presidente, Luís Fernando Soares Moraes, uma vitória pessoal. “Sou apenas o escolhido para representar o movimento Causa Médica, que foi eleito para seu quarto mandato”, afirma este ginecologista e obstetra com 34 anos de carreira, que antes de ocupar a presidência já participava da diretoria do Cremerj. A permanência dos integrantes da Causa Médica na direção da instituição ele credita ao trabalho desempenhado em prol da valorização profissional em todas as fases da vida do médico – da residência à

aposentadoria. “A Causa Médica deu uma nova cara ao Conselho, buscando atender aos anseios da categoria sem apelar para o corporativismo”, diz Luís Fernando, que atualmente se divide entre a presidência da entidade e a Medicina. Acompanhar as pacientes e ajudar a trazer crianças ao mundo, aliás, é a parte mais fácil da jornada diária. “Ainda há muito a se fazer pelo médico, tanto no serviço público quanto nos convênios. O que move a todos nós é, certamente, muita paixão pela profissão. E ver que, a cada gestão, um pouco mais do que se implanta no Cremerj é disseminado e aproveitado em outras partes do país”, assinala o novo presidente.

MÉDICO & SAÚDE – *Que disposições do Cremerj são essas que repercutiram para os demais Conselhos do país?*

LUÍS FERNANDO SOARES MORAES – Neste momento, em que estamos entrando com o pedido da aposentadoria do médico aos 25 anos de trabalho, tomando por base o exercício da profissão em condições de insalubridade, podemos citar, por exemplo, dispositivos que o Cremerj implantou em prol dos aposentados. Em 1996, o Cremerj dispensou o médico com mais de 70 anos de idade de pagar a anuidade do Conselho. Por quê? Ora, durante 30 anos ou mais o profissional precisou honrar aquele pagamento para ter direito ao exercício da profissão. Nada mais justo que dispensá-lo no momento em que ele inicia uma nova fase de sua vida. Geralmente, nessa faixa etária, o médico deixa o atendimento público, reservando-se apenas ao consultório, a dar palestras ou cursos mais esporádicos. Será que ele precisaria, então, ser privado de sua identidade profissional caso não pudesse pagar a anuidade? Mesmo sem aprovação imediata do Conselho Federal de Medicina, a ideia foi lançada pela Causa Médica e adotada no Rio. Conselhos de outros estados aderiram em seguida, criando o mesmo dispositivo, até que, há dois anos, a isenção da anuidade para os maiores de 70 acabou sendo também incorporada pelo Conselho Federal.

M & S – *Como o senhor avalia a conquista, pela chapa Causa Médica, deste quarto mandato na presidência do Cremerj?*

LUÍS FERNANDO – Além da conclusão mais do que óbvia de que estamos agindo de acordo com o que a maioria da classe deseja, tenho certeza de que a Causa Médica trouxe uma nova postura ao Cremerj. A Causa Médica modificou totalmente a cara do Conselho, que passou de uma autarquia federal, imposta pela legislação, para uma entidade que luta pela valorização do médico. Houve diversos pontos que marcaram essa gestão. São exemplos a ampliação das Câmaras Técnicas, as Comissões de Ética e os Cursos de Educação Médica Continuada. Enfim, a defesa do exercício profissional em todos os campos, incluindo a ampliação das vagas de residência médica. Já tivemos e teremos mais períodos de campanhas direcionadas, seja ao trabalho na saúde pública, seja ao atendimento aos convênios, como a recente campanha *Quanto vale o médico?*. O Cremerj sempre esteve na vanguarda dos movimentos da categoria em todo o país e pretende continuar assim.

M & S – *Qual é o segredo do sucesso da Causa Médica?*

LUÍS FERNANDO – Somos um grupo coeso, que não pretende eternizar um nome, mas uma linha de conduta. Não estou



O Cremerj de hoje é um órgão que pretende melhorar as condições de trabalho do médico, contribuindo para seu aprimoramento profissional. Esta plataforma tem se mostrado em consonância com o pensamento da maioria dos 52 mil médicos em atividade no estado do Rio de Janeiro



sozinho no cargo de presidente, tenho o apoio e o suporte dos conselheiros. Acho que está claro que nosso trabalho é ligado à defesa profissional sem qualquer matiz ideológico. Também é importante destacar que o grupo é oriundo de diferentes sociedades de especialistas médicos, o que nos dá uma representatividade ampla, levando-nos a conhecer profundamente o que cada um enfrenta no exercício da profissão. O Cremerj de hoje é um órgão que pretende melhorar as condições de trabalho do médico, contribuindo para seu aprimoramento profissional. Esta plataforma tem se mostrado em consonância com o pensamento da maioria dos 52 mil médicos em atividade no estado do Rio de Janeiro.

M & S- O que o médico pode esperar do Cremerj em 2009?

LUÍS FERNANDO – Vamos consolidar o que já foi estabelecido nas gestões anteriores da Causa Médica. Cientificamente, a tendência é termos mais iniciativas de educação médica continuada, com seminários, cursos, fóruns e debates. De março a novembro, teremos, por exemplo, cursos regulares, gratuitos, de Pediatria, Clínica, Ginecologia e Obstetrícia. Além disso, estamos programando diversos seminários de atualização profissional, abrangendo temas como dengue e micobacteriose. Acabamos de firmar um convênio para disponibilizar, em nosso site, toda a sorte de publicações nacionais e internacionais de interesse dos médicos. E, em termos de crescimento profissional, continuamos na luta pela ampliação de vagas e pela melhoria da qualidade da residência médica. Um dos pontos importantes é a valorização da figura do preceptor, que dá o suporte científico aos residentes sem qualquer incentivo pecuniário, por altruísmo, por uma noção difundida de que é dever de cada um contribuir para a formação do médico iniciante. Continuaremos a campanha pelo reajuste da remuneração dos convênios, cujo movimento é referência no país. As condições de atendimento nos hospitais públicos também seguem como objeto de preocupação do Cremerj. Nosso empenho é para que o médico consiga construir uma carreira na saúde pública como ocorre em outras categorias.

M & S- E como será possível motivar o médico a permanecer na saúde pública?

LUÍS FERNANDO – O momento é de nos mobilizarmos – e de mobilizarmos toda a sociedade – para restaurar a dignidade salarial do médico. O primeiro passo foi dado, no ano passado, com a campanha *Quanto vale o médico?*, que arrastou centenas de pessoas em atos públicos no Rio de Janeiro e em Niterói. É claro que saúde é um conceito amplo, que inclui saneamento e qualidade de vida. No entanto, a dotação orçamentária pública não pode retirar daquela rubrica verbas a serem aplicadas neste ou naquele projeto, desviando-as para programas assistenciais. Está faltando médico que se disponha a receber o salário que os governos querem pagar. Hoje, o que mais existe é médico sem

qualquer direito trabalhista, prestando serviços terceirizados à saúde pública. É no hospital público que o médico cresce cientificamente, mas há quanto tempo não se abre um concurso público com remuneração que permita ao médico se aposentar naquela unidade?

M & S- Ao lado da falta de estrutura nos hospitais públicos há também muitas denúncias quanto a procedimentos errôneos no atendimento a pacientes particulares. Algumas têm repercussão na mídia, mas a maioria não chega ao conhecimento público.

Quantos processos o Cremerj examina por mês?

LUÍS FERNANDO – Recebemos cerca de 40 denúncias por semana e analisamos até 150 processos a cada mês. Desses, 95% dizem respeito ao rompimento da relação médico e paciente. Tudo é avaliado, independentemente de haver elementos que possam gerar processos jurídicos ou não. E há muitos casos de suspensão dos direitos profissionais de médicos. Somos uma instituição corporativa, o que não significa que tenhamos uma conduta corporativista. ■





Cidade conectada



Orla Digital é o primeiro passo para uma rede de internet sem fio em todo o Rio

Novos pacotes de dados, preços mais baixos e brindes para atrair a clientela – a chegada das redes sem fio gratuitas deverá acirrar ainda mais a briga por novos assinantes de internet banda larga. O projeto Orla Digital, que abrange a praia de Copacabana, foi a primeira iniciativa pública nesse sentido. Desde julho, permite que qualquer pessoa com um computador ou celular que tenha o acesso *wireless* conecte a rede mundial de computadores gratuitamente em Copacabana. É o primeiro passo para transformar o Rio numa cidade totalmente conectada.

Os principais objetivos do Orla Digital são a democratização da informação e a inclusão digital. Em média, a rede tem 600 acessos diários, com uma velocidade que pode ser até seis vezes maior do que a dos serviços oferecidos pelas operadoras pagas. Para manter tal qualidade de acesso, o tempo é limitado a uma hora para cada vez que o usuário se conecta. “Num acesso residencial via cabo, em banda larga, raramente a velocidade é maior que 1 *Mbit* por segundo, enquanto no Orla Digital ela fica entre 5 e 6 *Mbit*”, compara o professor da Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Engenharia (Coppe/UFRJ), Luis Felipe Moraes, um dos coordenadores do projeto.

Ao longo dos 4,5 quilômetros do calçadão de Copacabana, do Leme ao Posto 6, há 21 pontos de acesso. São antenas de rádio que transmitem o sinal num alcance de até 100 metros, formando o que os especialistas chamam de rede *mesh*, ou seja, em malha.

Uma tecnologia que permite a movimentação do usuário sem queda da conexão. “A principal vantagem é a mobilidade que esse tipo de tecnologia oferece. É como comparar um telefone sem fio ou celular a um telefone fixo com fone ligado por fio ao terminal”, explica Moraes.

As aplicações da internet, não custa lembrar, são inúmeras. “Alguns quiosques da orla já estão aproveitando o acesso gratuito para fazer contato via *web* com seus fornecedores”, exemplifica Moraes. Na área médica, o chamado *hotspot* de Copacabana permite o monitoramento remoto de pacientes em tempo real. Basta o paciente que estiver se exercitando na praia enviar, para o médico, seus dados sobre pressão arterial e frequência cardíaca. Além disso, o sistema suporta programas como Skype, um *software* que permite ligações mais baratas via *web*, o que tende a agradar aos turistas em férias no Rio.

Já as restrições ficam por conta das compras eletrônicas e transações bancárias. Como o sinal do Orla Digital é transmitido pelo ar e, por enquanto, não há necessidade de registrar *login* e senha para usar a *web* pelo sistema, não é recomendado acessar páginas de banco e tampouco utilizar o cartão de crédito em transações comerciais. Moraes e a equipe do Coppe implantarão, no futuro, um sistema para cadastramento dos usuários que exigirá senha de acesso. Mesmo assim, pondera o professor, o sigilo não será garantido justamente em função de os dados trafegarem pelo ar.

Resultado de uma parceria entre o governo do estado e a Coppe, financiado pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), o projeto recebeu investimentos de R\$ 1 milhão. Em breve, deve ser ampliado para Ipanema e Leblon.

Orla Digital à parte, também é possível acessar internet sem fio de forma gratuita de alguns shoppings, cafés e restaurantes da cidade. Em

Botafogo e no Leblon, o acesso *wireless* é cortesia de restaurantes como o Miam Miam e o Quadrucci, respectivamente, enquanto em Santa Teresa, o Aprazível oferece o benefício e, no Centro, a Brasserie Rosário tem *wi-fi* grátis para seus clientes. Os shoppings Leblon, Rio Design e Botafogo Praia Shopping também não cobram nada pela conexão. Mas esses ainda são minoria. Com o desenvolvimento de outras redes públicas gratuitas, no entanto, cobrar pelo acesso à internet está prestes a se tornar coisa do passado. ■

GLOSSÁRIO

Acesso wireless ou wi-fi

Acesso a rede sem fio que permite conexão à internet

Hotspot

Lugar onde é possível acessar a internet sem fio

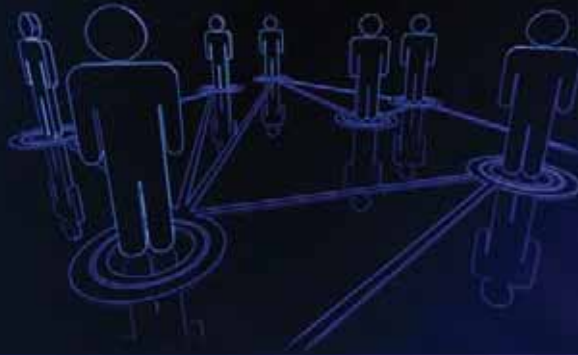
Mbit

Megabit é a unidade de medida da velocidade de acesso à internet. Quanto maior a quantidade de *megabits*, menor será o tempo para baixar uma foto, por exemplo, já que a rede permite tráfego de mais informações num espaço mais curto de tempo

Skype

Programa que utiliza a tecnologia VoIP (*Voice Internet Protocol*) para completar ligações por telefone, permitindo economia de até 80% em ligações internacionais em comparação às tarifas telefônicas





PELO PAÍS

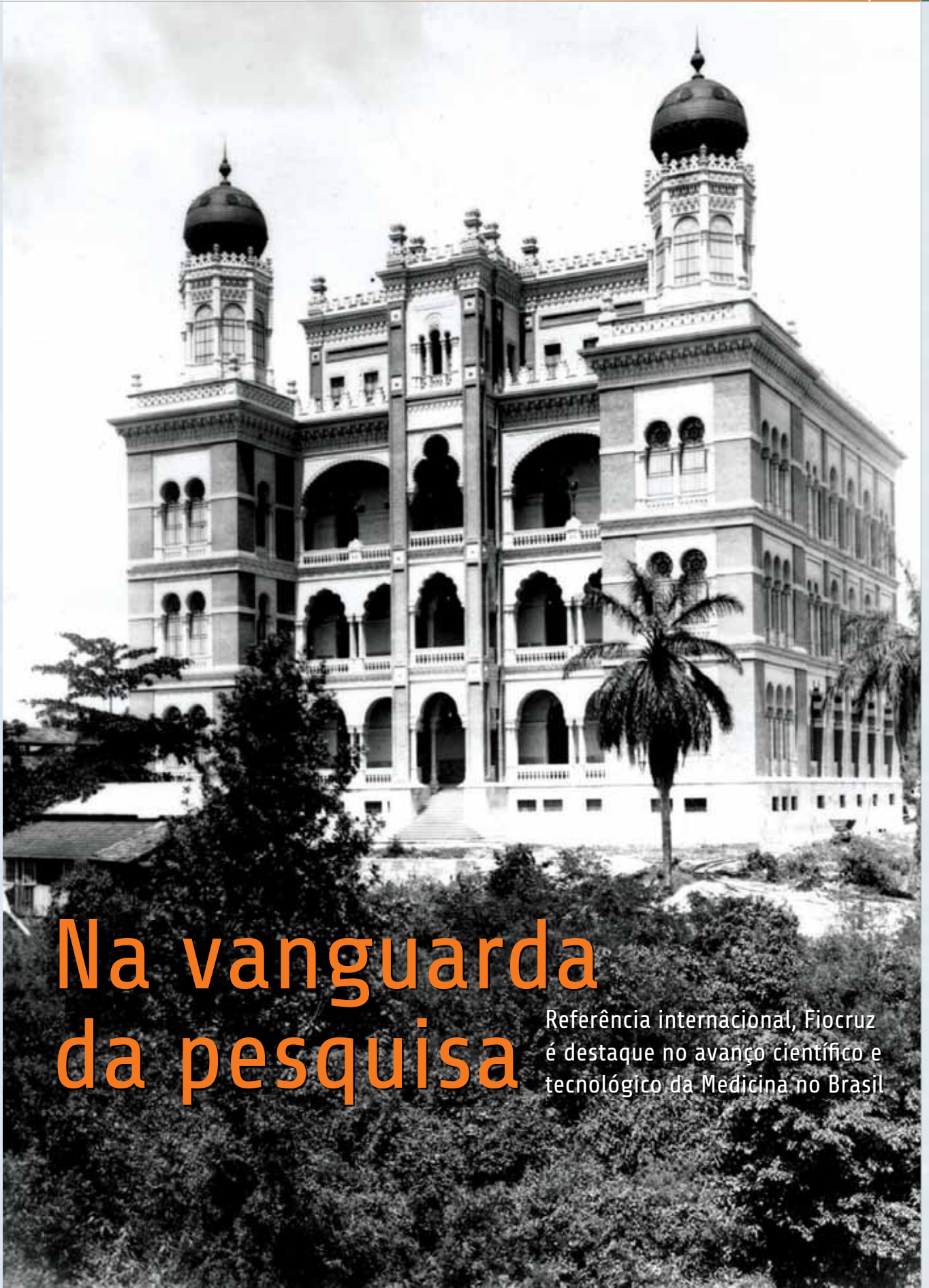
O Orla Digital faz parte do projeto Rede Rio, que pretende ampliar o sinal *wi-fi* para todos os 92 municípios do estado até 2010, ao custo de R\$ 40 milhões. As primeiras cidades beneficiadas pela expansão serão as da Baixada Fluminense. Um dos grandes entusiastas da ideia é o vice-governador Luiz Fernando Pezão, que foi prefeito de Pirai, a primeira cidade totalmente digital do Rio. Outras que já estão conectadas são Rio das Flores e Conservatória.

Antes do projeto Pirai Digital, o município tinha apenas três computadores na sede administrativa. “Hoje são 800 estações de trabalho públicas, incluindo toda a rede pública de ensino, bibliotecas, telecentros, postos de saúde, rodoviária e praças”, explica um dos coordenadores do programa, o professor Franklin Coelho, da Universidade Federal Fluminense (UFF), que faz questão de ressaltar a dimensão pública do projeto.

Em Sud Mennucci, no noroeste paulista, o *wi-fi* diminuiu os custos da prefeitura com o acesso à internet, anteriormente realizado por telefone. Com investimento inicial de R\$ 18 mil, implantou-se uma rede para a prefeitura, que aos poucos se tornou pública. Já em Alterosa, também no interior paulista, a rede *wireless* permitiu economia de R\$ 9 mil mensais com ligações de longa distância, agora feitas via Skype.

Não faltam exemplos de cidades que se espelham nessas iniciativas. Algumas apoiadas pelo Plano Nacional de Cidades Digitais, do Ministério das Comunicações, que testa as redes sem fio em Tiradentes e Almenara (MG), Cacique Doble (RS), Goiás (GO), Garanhuns (PE), Lavrinhas (SP) e Pindorama (TO). A intenção do plano é levar as redes sem fio gratuitas a todo o país nos próximos três anos. Segundo o Ministério, devem ser gastos, nesse projeto, R\$ 2,8 bilhões.





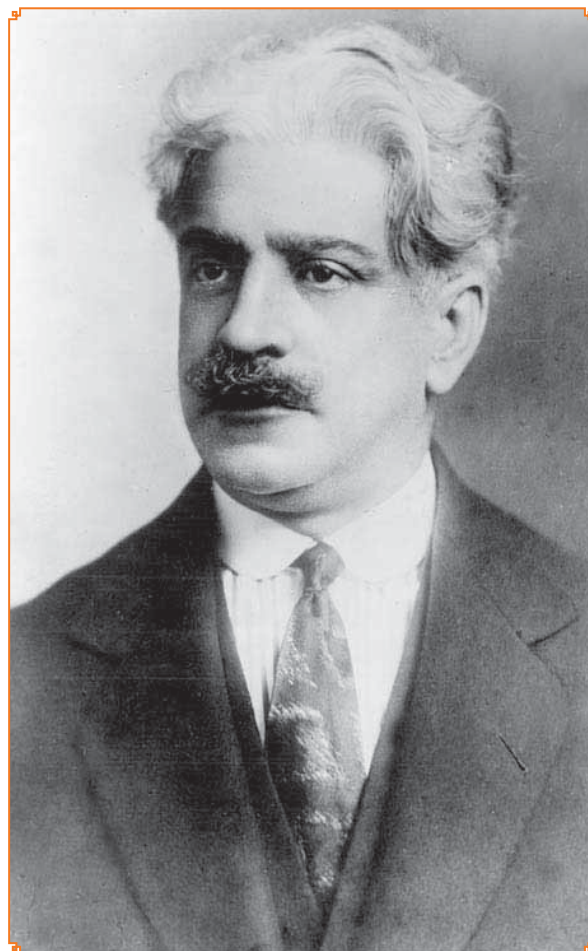
Na vanguarda da pesquisa

Referência internacional, Fiocruz é destaque no avanço científico e tecnológico da Medicina no Brasil

Considerada a melhor instituição de saúde pública do mundo pela Federação Mundial das Associações de Saúde Pública (WFPHA, na sigla em inglês), a Fundação Oswaldo Cruz é referência nacional e internacional em pesquisa, diagnóstico e tecnologia, produção de vacinas e medicamentos. Principal instituição não-universitária de formação e qualificação de recursos humanos para a área de ciência e tecnologia em saúde no país, a Fiocruz é um dos marcos de um Brasil que buscava a modernidade. Sua criação remonta ao início do século XX, uma época em que o Rio de Janeiro tinha quase um milhão de habitantes vivendo numa cidade que crescera sem planejamento, onde as epidemias de doenças infecciosas dizimavam boa parte da população.

Em agosto de 1899, o então prefeito Cesário Alvim solicitou ao Instituto Vacínico Municipal do Rio de Janeiro a produção de soros contra a peste bubônica. Em maio do ano seguinte, começava a construção do Instituto Soroterápico Federal, na Fazenda de Manguinhos, na distante Zona Norte carioca. A instituição era dirigida pelo Barão de Pedro Afonso e tinha como diretor-técnico o jovem bacteriologista Oswaldo Cruz, que já havia trabalhado no combate à peste bubônica em Santos. Dois anos mais tarde, Oswaldo Cruz assumia a direção geral do novo Instituto, que teve suas atividades ampliadas e, além da fabricação de soro antipestoso, tornou-se um centro de pesquisa e de formação de recursos humanos.

A Fiocruz funcionou como base tecnológico-científica de apoio às campanhas de saneamento do Rio de Janeiro comandadas por Oswaldo Cruz a partir de 1904, já como diretor-geral de Saúde Pública. Depois de acabar com a peste bubônica, reduzindo a infestação de ratos na cidade, a equipe de sanitaristas teve que enfrentar a revolta dos cariocas que se recusavam a ser vacinados contra varíola e se indignavam com a entrada de agentes de saúde em suas casas, à procura de focos do mosquito *Aedes Aegypti*, transmissor da febre amarela. Bem-sucedidas, as campanhas trariam reconhecimento



internacional ao trabalho do bacteriologista. Em 1907, a febre amarela estava erradicada no Rio de Janeiro, e, pelo trabalho em prol do saneamento da cidade, Oswaldo Cruz recebeu a medalha de ouro no XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia de Berlim. No ano seguinte, o Instituto Soroterápico foi rebatizado com seu nome.

Sob a administração de Oswaldo Cruz, o Instituto passou a comercializar produtos de uso humano e veterinário a fim de obter recursos para investimento em pesquisa e qualificação. Em 1908, as campanhas de saneamento chegavam ao interior do país. A divulgação dos estudos de cientistas de Manguinhos sobre as condições de vida da população do interior impulsionou a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1920.



Na década de 30, o Instituto foi transferido para o recém-criado Ministério da Educação e Saúde Pública. Apesar de receber maior aporte de recursos federais, Manguinhos perdeu autonomia, tornando-se mais vulnerável às interferências políticas. Em 1970, foi instituída a Fundação Oswaldo Cruz. Congregava, inicialmente, o então Instituto Oswaldo Cruz, a Fundação de Recursos Humanos para a Saúde (posteriormente Escola Nacional de Saúde Pública, a ENSP) e o Instituto Fernandes Figueira (IFF).

Até hoje a Fiocruz mantém sua base no campus de 800 mil metros quadrados em Manguinhos. Em torno dos três prédios históricos do antigo Instituto Soroterápico Federal – o Pavilhão Mourisco, o Pavilhão do Relógio e a Cavalaria –, estão 10 de suas 13 unidades técnico-científicas e todas as unidades de apoio técnico-

administrativas. A presença da entidade em todo o território brasileiro se dá através do suporte ao Sistema Único de Saúde (SUS), na formulação de estratégias de saúde pública, nas atividades de seus pesquisadores, nas expedições científicas ou no alcance de seus serviços e produtos em saúde.

A Fiocruz é referência para diagnóstico de 31 tipos de doenças, realizando mais de 160 mil exames laboratoriais por ano, além de 60 mil atendimentos nos serviços assistenciais especializados e 200 mil atendimentos de atenção básica. Participando ativamente do sistema nacional de vigilância sanitária, a Fiocruz faz mais de 4 mil análises anuais para o controle de qualidade de artigos de saúde em geral. Produz, em média, 88 milhões de doses de vacinas e mais de 3 milhões de reativos para diagnóstico por ano.



Conta com o maior laboratório farmacêutico público de medicamentos do país, onde, anualmente, são fabricadas 2 bilhões de unidades farmacêuticas.

Na área de descoberta científica, a instituição já obteve 40 depósitos de patente internacional, 23 depósitos de patente nacional, enquanto tem uma patente nacional e sete patentes internacionais concedidas. Hoje, na Fiocruz, há 276 projetos de desenvolvimento tecnológico. A cada ano são produzidos mais de 700 mil itens de informação em ciência e tecnologia em saúde, colocados à disposição em diferentes meios, como revistas, livros, relatórios, pôsteres, catálogos, boletins eletrônicos, bancos de imagens, vídeos e programas de TV.

Todos os anos, a Fiocruz forma cerca de 30 mil alunos em cursos de nível médio, mestrado, residência, doutorado, especialização, aperfeiçoamento, atualização e formação, tanto em aulas presenciais ou a distância. Atualmente são oferecidos 15 cursos de

mestrado acadêmico, três de mestrado profissional e 14 cursos de doutorado. As 10 bibliotecas da instituição, que atendem, anualmente, 180 mil usuários, somam um acervo de 271 mil livros e monografias e 12.933 periódicos correntes. ■



Fotos do Acervo da Casa de Oswaldo Cruz / Departamento de Arquivo e Documentação: IOC(1)3-7-22, IOC(OC) 3-8-2, FOC (I) 2-8, IOC(OC) 4-9-0 e FOC (I)3-7#1

De filho para pai

Como crianças e adolescentes encaram a profissão médica

A rotina de plantões e chamadas a qualquer hora do dia ou da noite é um desafio que os filhos de médicos enfrentam na infância e na adolescência. Até alcançarem maturidade suficiente para compreender as imposições da profissão, as crianças podem se ressentir dos atrasos e das ausências dos pais. Não demora muito, porém, a tristeza acaba dando lugar à admiração.

Prova disso é que não faltam filhos de médicos querendo seguir os passos dos pais. Ter pai médico implica sacrifícios, mas também é motivo de orgulho. Exemplos disso são a vestibulanda Eduarda Grinsztejn, de 17 anos, filha do infectologista Esaú Custódio João Filho, e

a estudante Daniella de Menezes Cortez, de 16 anos, filha do anestesista José Bitu Cortez. A primeira está na reta final do vestibular, enquanto a segunda pretende prestar o concurso este ano.

Nem a disputa acirrada, que beira a proporção de 30 candidatos por vaga, nem o cotidiano por vezes corrido da profissão desanimaram Eduarda. “Acho muito bonito o trabalho do meu pai, ajudar as pessoas é a coisa mais importante que pode existir”, justifica ela, lembrando as vezes em que o pai saía às quatro horas da manhã para um atendimento ou ficava uma hora no telefone tentando ajudar um paciente.

Eduarda acredita que, uma vez na faculdade, levará vantagem em relação aos demais estudantes: não vai faltar gente para tirar dúvidas. “Meu pai tem muitos amigos médicos e eles sempre falam sobre Medicina. Nas vezes



em que eu acompanhava meu pai a algum hospital, ficava na sala dos médicos conversando e tinha verdadeiras aulas. Às vezes ele tinha tempo para dar uma volta pelos corredores e me ensinava como funcionam os diferentes setores de um hospital. Era o que eu mais gostava”, recorda.

Daniella, que presta vestibular este ano, também procura não pensar muito na correria do cotidiano de um médico, seja em início de carreira ou com mais experiência. “Sempre achei a profissão muito legal, mesmo tendo que dar plantão. Meu pai tinha que se ausentar muitas vezes, mas quando chegava em casa passava o máximo de tempo com a gente”, recorda a filha do anestesista Bitu Cortez.

O exercício da especialidade, requisitada em praticamente todos os procedimentos cirúrgicos, já fez o pai perder momentos importantes na vida de Daniella, como a final de um concurso de dança quando ela tinha 10 anos. Seu grupo venceu a competição, mas, ao final da apresentação, a alegria deu lugar às lágrimas. “Saí do camarim, não vi meu pai na plateia e fui para um canto chorar. Ele tinha dito que ia assistir”, lembra a estudante, que admite que poderá viver situações semelhantes como a que passou ao se formar em Medicina e ter seus próprios filhos.

Depois desse episódio, Daniella passou a entender que, mesmo quando o pai confirma algum compromisso, imprevistos podem acontecer e mudar a programação. Por isso, hoje é Daniella quem procura apoiar o pai na relação com o irmão mais novo, Vinícius Lucena Bitu Cortez, de cinco anos. No fim do ano passado, Bitu Cortez estava num congresso científico na época do batismo de capoeira do pequeno. “O coração fica apertado, mas os congressos também são importantes na vida de um médico, que precisa se atualizar constantemente”, explica o anestesista.

Se a vocação às vezes afasta pais de seus filhos em datas importantes, o tempo livre dos primeiros costuma ser integralmente dedicado à prole. “Hora de ficar junto é



hora de ficar junto”, resume a intensivista Luisa Toscano, mãe do estudante universitário Marcos Toscano Cunha, de 20 anos. “Quando ela não estava de plantão no Miguel Couto nós não perdíamos um jogo do Fluminense no Maracanã”, conta Marcos.

Outra lembrança da infância são as partidas de vídeo game. “Ela nunca teve muito talento para jogar, mas fazia questão de participar. Então optava pelos jogos mais simples como o Mario Bross e o Donkey Kong”, diz Marcos. Os dois se divertiam bastante juntos, mas tinham suas divergências quando o lado mãe e o lado médico se confundiam. Afinal, se a preocupação já é um sentimento comum dos pais, imagina quando eles, além de pais, são médicos. “Eu via um menino que tinha sofrido um acidente de bicicleta, por exemplo, então chegava em casa e perguntava se eles estavam usando capacete para andar de bicicleta, se tomavam cuidado”, conta Luisa. “Ela acha que tudo o que acontece no hospital vai



Ser médico é...
 ...estar à disposição
 das pessoas que
 precisam de ajuda.
 Marcos, 20 anos,
 filho da pediatra
 Ana Alice

acontecer comigo”,
 reclama Marcos.

Com Guilherme Rodrigues Abreu e Pedro Amaral, ambos de 14 anos, acontece algo semelhante. Suas mães

não são intensivistas, mas, respectivamente, as pediatras Maria José Rodrigues Abreu e Ana Alice Ibiapina Parente. “De certa forma é bom porque a gente conhece tudo o que acontece com uma criança e todas as fases de desenvolvimento”, pondera Maria José, que ficou viúva quando o filho tinha cinco anos.

Guilherme teve que superar a perda do pai e se habituar às ausências da mãe. Para isso, o apoio da família foi fundamental. “Ela vive saindo e fazendo cirurgia, às vezes fico na casa da minha tia, mas também a acompanho quando ela tem uma sala de parto”, conta ele, que pensa em estudar Medicina apesar de a mãe não estimular. “Não falo mal da profissão, mas não incentivo. Os médicos estão ganhando muito pouco

e continuam levando uma vida muito sacrificada”,
 justifica Maria José.

Pedro, por sua vez, encara a Medicina de forma diferente. Num misto de ciúme e compaixão, o filho mais velho da pediatra Ana Alice simplesmente detesta a atividade da mãe, especialmente os plantões. “Ela fica muito tempo fora de casa, ela trabalha muito. Eu sempre ligo para saber se ela está chegando”, critica ele. Os mais novos, Vitor e Lucas, de 10 e oito anos, também sentem falta da mãe, que procura entender o lado dos filhos: “Nos plantões de 24 horas a gente sai de casa num dia e só volta no outro, é difícil para eles”.

Quem também sempre procurou compreender os filhos é o psiquiatra Alexandre Keusen. Para isso, estipulou a quarta-feira como um dia sagrado. É o dia em que ele e o primogênito Bruno Keusen, de 17 anos, colocam a conversa em dia. “A

Ser médico é...
 ...conhecer os remédios
 e saber de qual
 eu preciso quando
 estou doente.
 Guilherme, 14 anos,
 filho da pediatra
 Maria José Rodrigues Abreu



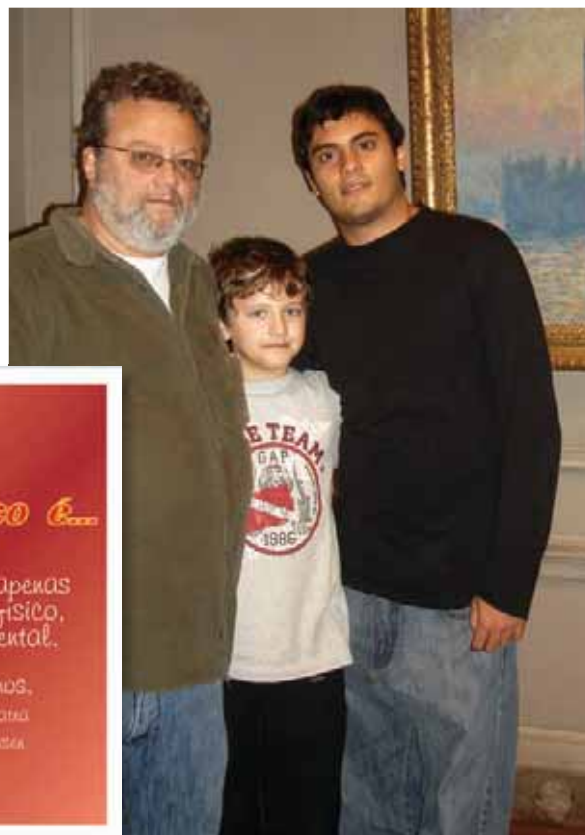
Ser médico é...
...trabalhar muito.
Pedro, 14 anos,
filho do pediatra
Ana Alice Ibiapina Parente

gente sempre sai para fazer alguma programação ou jantar. Em algumas ocasiões, torna-se uma sessão de análise”, conta o filho.

Por 10 anos, Alexandre dirigiu o Centro Psiquiátrico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e às vezes levava o filho para o trabalho. As idas ao hospital ensinaram Bruno a lidar com as diferenças desde cedo. Músico nas horas vagas, ele chegou a tocar no Canecão junto com a banda Harmonia Enlouquece, formada pelos internos do Centro Psiquiátrico.

Bruno, porém, não pretende seguir os passos do pai. Quer fazer cinema, mas nem por isso a influência da psicanálise deixa de estar presente. “Sou fã do Woody Allen. A questão da terapia e conceitos como neurose e inconsciente sempre estão presentes nos filmes dele”, justifica.

Já o filho mais novo de Alexandre, Bernardo, de nove anos, sonha ser jogador de futebol. E imagina o dia em que o pai vai



Ser médico é...
...cuidar não apenas
do bem estar físico,
mas também mental.
Bruno, 17 anos,
filho do psiquiatra
Alexandre Parente

ter mais tempo para bater uma bola. “Ele fica muito cansado, dorme e não dá tempo para jogar bola comigo”, lamenta o menino. “Antigamente, o pai ainda jogava bola uma vez por semana, mas hoje está mais difícil”, lembra o filho, em tom conformado. Perguntado sobre a especialidade do pai, o menino resume: “As pessoas ligam para ele para saber qual remédio precisam tomar e ele sabe todos”.

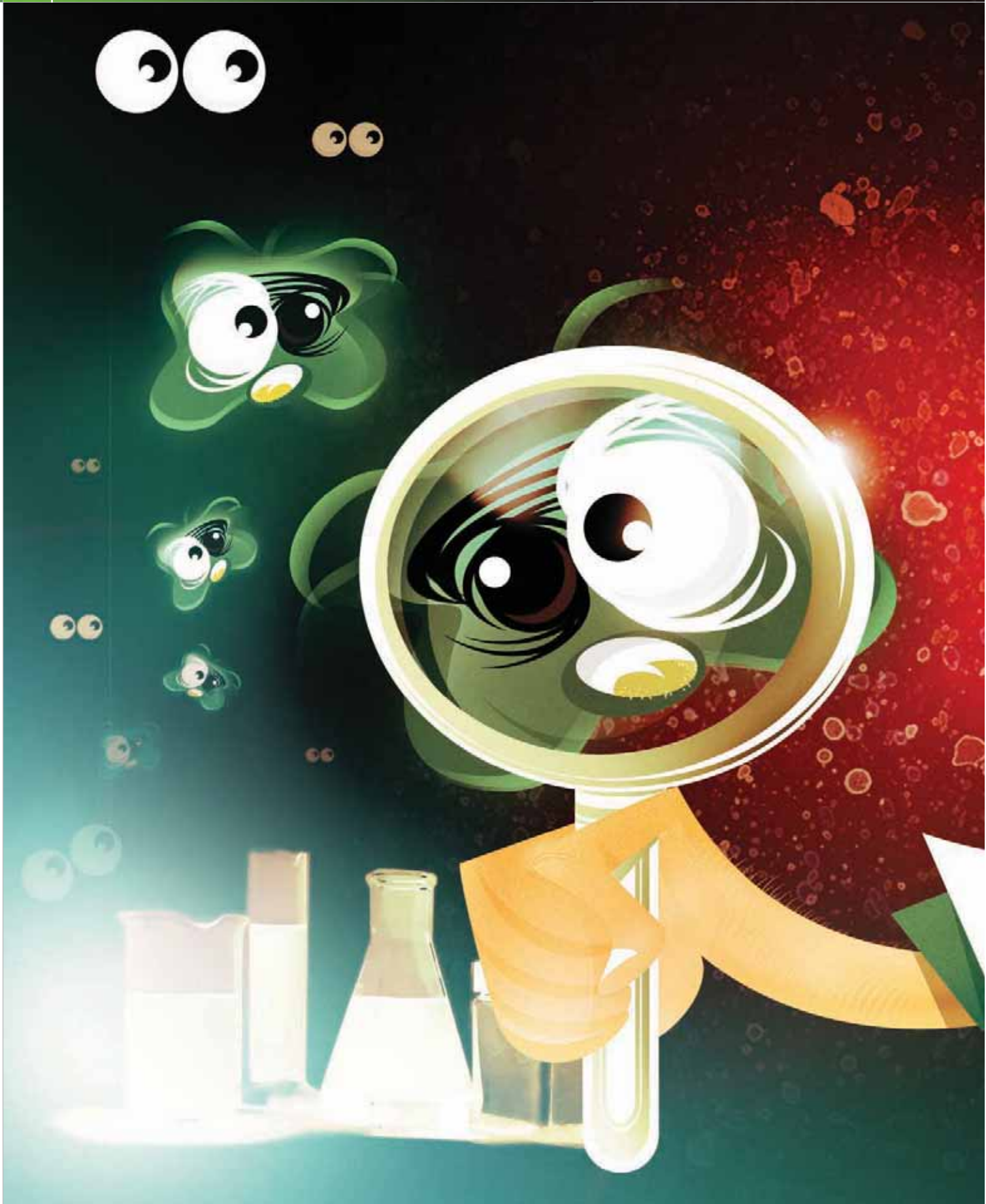
Se na casa do psiquiatra Alexandre nenhum dos filhos se decidiu pela Medicina, na família do ginecologista obstetra Fabrício Silva Machado, a taxa de aproveitamento é de 50%, brinca ele. “Dos meus quatro filhos, dois querem fazer Medicina”, diz. No caso da sua especialidade, acrescenta Fabrício, como não tem hora para a paciente entrar em trabalho de parto, o problema dos horários é a grande reclamação.

Apesar disso, o orgulho pela profissão do pai é unanimidade e se resume nas palavras do filho mais velho, Rodrigo de Almeida Machado, de 17 anos: “Tenho muita admiração pelo tipo de trabalho, a

Medicina lida com a vida das pessoas”. Rodrigo tem uma grande dúvida em relação ao que fazer no vestibular, mas uma certeza: Medicina não. “Não combina comigo, é uma responsabilidade”, justifica. No entanto, ele acredita que o pai lhe passou lições importantes. “A Medicina exige que você esteja sempre se atualizando. Embora formado há mais de 20 anos, ainda hoje o vejo estudando, é um grande exemplo para mim”, explica Rodrigo.

Filha mais velha do infectologista Esaú Custódio João Filho, Bruna Grinsztejn João, de 19 anos, optou pela faculdade de Belas Artes, mas também não esconde a admiração pelo pai. “A Medicina vai além da profissão, é uma vocação, transcende qualquer carga horária e passa uma mensagem muito bonita de amor pelo que é humano”, elogia. Prova de que, independentemente do caminho que se escolhe, a Medicina ensina lições para a vida toda. ■





A background image showing a microscopic view of cells, likely bacteria, in a petri dish. The cells are small, circular, and have a reddish-brown color, set against a dark background. The image is partially obscured by a white curved shape on the left side.

Do mel à penicilina

Entre acasos e pesquisas, a história do desenvolvimento dos antibióticos

O aparente descuido de um cientista inglês, que deixou bactérias repousando sem isolamento em seu laboratório enquanto tirava férias, em 1928, mudou para sempre a história da Medicina. Quando voltou de viagem, o bacteriologista Alexander Fleming encontrou mofo sobre a cultura de estafilococos que havia deixado sobre uma mesa. O experimento poderia ter ido parar no lixo, mas acabou intrigando Fleming devido à ação destruidora do fungo sobre a bactéria. Ao se debruçar sobre aquela reação físico-química não planejada, Fleming descobriu que a destruição de parte da bactéria tinha sido causada pelo fungo *Penicillium notatum*, produtor da substância bactericida conhecida como penicilina. Nascia assim o que viria ser um dos principais antibióticos do mundo moderno.

Antes de Fleming, porém, a ciência e a Medicina percorreram um longo caminho de incertezas e experimentos. A primeira evidência histórica do uso de remédios foi encontrada no norte do Iraque, a partir da descoberta do esqueleto de um homem de Neandertal enterrado há cerca de 50 mil anos, com plantas e ervas ao redor de seu corpo. Já o primeiro registro escrito sobre o uso de medicamentos vem da Suméria e tem mais de 5 mil anos. Em uma pedra, foi esculpida a indicação de uso de vinho, óleo e cerveja em áreas machucadas. Segundo David Cowen e Alvin Segelman, editores de *Antibiotics in Historical Perspective*, foram

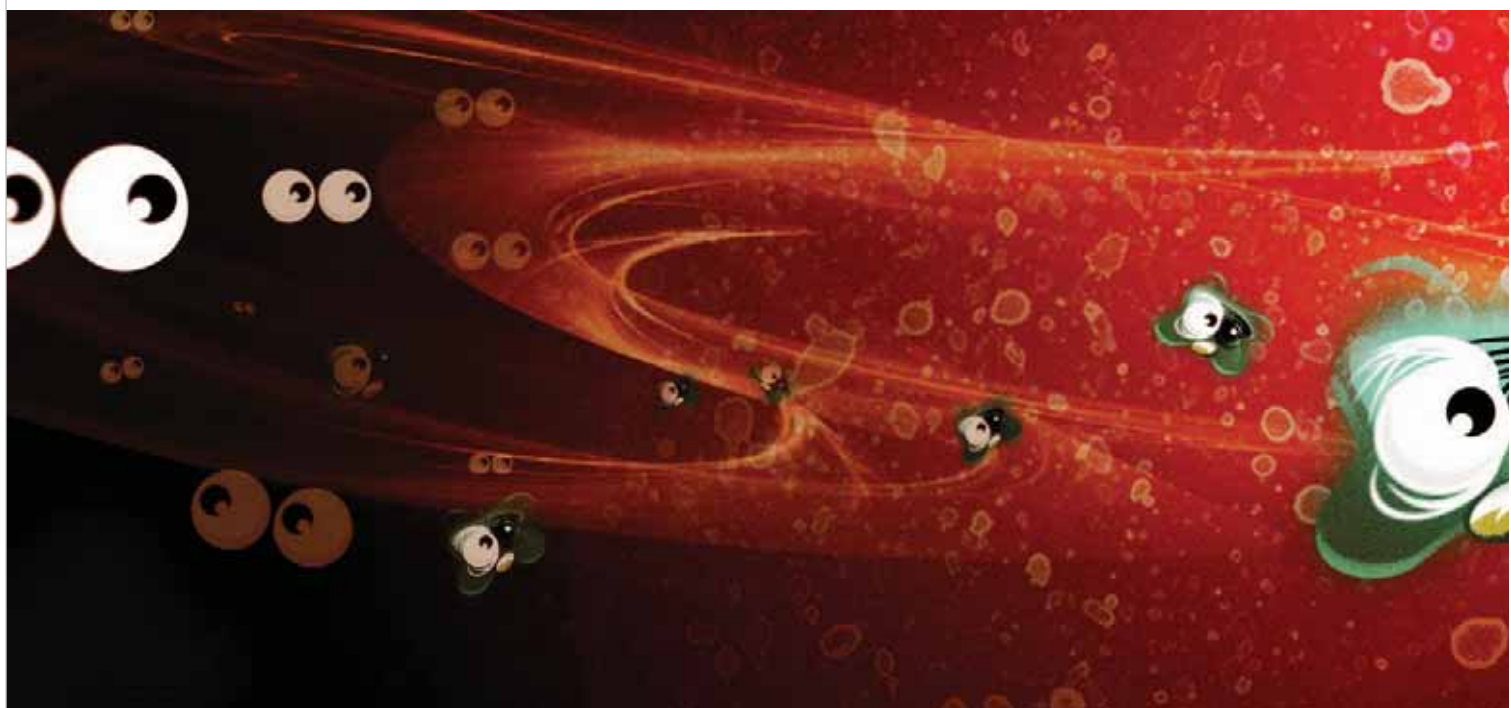
os egípcios, no entanto, que, por volta de 1550 a.C., prescreveram a primeira receita antibacteriana: uma mistura de mel e gordura.

No século XVII, cientistas começaram a observar pequenos organismos nos primeiros microscópios. Mas as bactérias e os demais micróbios só foram assim nomeados no final do século XIX, quando criou-se a designação taxonômica do reino protista. Nessa mesma época, o químico francês Louis Pasteur derrotou a teoria da geração espontânea e comprovou a existência de germes microscópicos no ar. Ao apresentar sua pesquisa na Universidade de Sorbonne, em Paris, o químico afirmava que “a vida é um germe e um germe é vida”.

Pasteur desenvolveu pesquisas sobre a fermentação de vinhos e cervejas e tornou-se o pioneiro nos estudos sobre a atuação de microorganismos em processos físico-químicos, inaugurando a chamada era de ouro da bacteriologia. Outro nome de peso da microbiologia do século XIX foi o alemão Robert Koch, que isolou a bactéria da tuberculose e fabricou o primeiro elixir usado em seu combate, abrindo caminho para o desenvolvimento da vacina contra a doença.

Em 1929, Fleming publicou o primeiro artigo acadêmico sobre a penicilina, considerada por ele “um eficiente antisséptico para aplicação ou injeção em áreas afetadas por micróbios”. As primeiras aplicações do suco produzido pelo fungo *Penicillium* foram feitas pelo bacteriologista em pacientes do Hospital de St. Mary's, em Londres, mas a produção do medicamento ainda era muito pequena. Os passos seguintes para o desenvolvimento de antibióticos à base de penicilina foram dados não por Fleming, mas pelos cientistas da Universidade de Oxford Howard Florey e Ernst Chain. Com a Segunda Guerra Mundial eclodindo na Europa, Florey e Chain chegaram a uma fórmula de penicilina mais pura, que obteve ótimos resultados nos primeiros testes em ratos. Já em 1941, a dupla de Oxford testou o antibiótico em pacientes com infecções diversas, alcançando resultados animadores.

Mas ainda era difícil, demorado e caro produzir penicilina em laboratórios. Foi quando os ingleses resolveram buscar ajuda nos Estados Unidos, cuja indústria farmacêutica permitiu, pela primeira vez, a produção em massa de antibióticos. A ajuda americana começou nos laboratórios do Departamento de Agricultura, em Peoria, Illinois. Lá foi possível



desenvolver formas mais rápidas de fermentação da penicilina, a partir da maceração do milho e do melão, por exemplo. Os experimentos permitiram que os cientistas chegassem ao *Penicillium chrysogenum*, com uma fermentação de até mil unidades por mililitro – um desempenho formidável para a época.

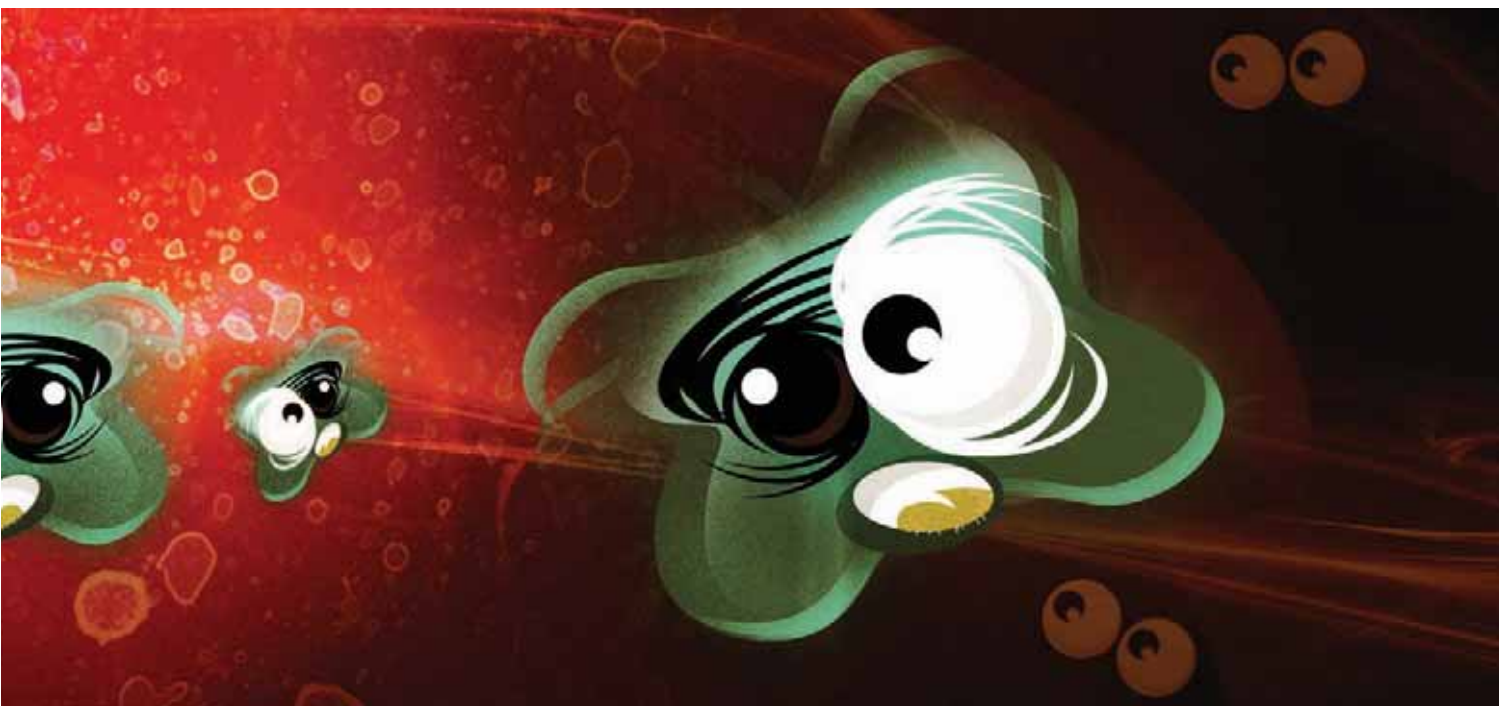
Para se ter uma idéia do rápido crescimento da produção do medicamento nos Estados Unidos, no primeiro semestre de 1943 foram fabricadas 800 milhões de unidades de penicilina. Já no segundo semestre do mesmo ano, a produção pulou para 20 bilhões. Em 1945, a indústria farmacêutica americana atingiu a marca de 6,8 trilhões unidades de penicilina. Nesse mesmo ano, Fleming, Florey e Chain ganharam o Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina.

Graças à descoberta de novos meios de se produzir penicilina, milhares de soldados das tropas aliadas puderam se beneficiar do uso de antibióticos no tratamento de infecções bacterianas. A expansão dos antibióticos na década de 40 e os novos métodos de produção permitiram, ainda, que doenças como a tuberculose, a sífilis, a pneumonia, a gangrena e a meningite fossem controladas, diminuindo drasticamente os casos de morte. A penicilina passou a ser

obtida a partir de diferentes vegetais, como o alho. Além disso, começaram a ser fabricadas as penicilinas semissintéticas, como a amoxicilina, ampicilina e flucloxacilina.

Fungos do mar passaram a ser usados na produção de cefalosporina, em consequência dos experimentos de Giuseppe Brotzu, em 1945, enquanto René Dubos e Selman Walksman desenvolveram antibióticos conhecidos como aminoglicosídeos, no final da década de 40, com microorganismos encontrados no solo. Outro antibiótico importante desenvolvido nos Estados Unidos foi o cloranfenicol, que acabou com a epidemia de febre tifóide na Bolívia, em 1947. Já o primeiro antibiótico derivado de uma bactéria foi feito em Nova York. Produzido com o *Bacillus subtilis*, ganhou o nome de bacitracina por ter sido retirado de uma menina chamada Tracy.

Desde então, ano a ano, pesquisadores e indústria farmacêutica vêm incrementando os métodos de fabricação de antibióticos. Em 1955, 50 novos antibióticos foram descobertos. No final da década de 60, eram anunciados, em média, 250 novos meios de produção desses medicamentos por ano. Hoje, estima-se em mais 8 mil os diferentes tipos de antibióticos disponíveis no mercado mundial. ■



A polêmica liberação do placebo

Decisão da Associação
Médica Mundial
acende debate sobre
ética na pesquisa

A prática não é nova, mas nem por isso deixa de ser polêmica. Em outubro passado, decisão da Associação Médica Mundial liberando o uso de placebo em pesquisas científicas acendeu os holofotes sobre os limites éticos na busca por novos medicamentos. A delegação brasileira foi uma das poucas que votou contra. A maioria na assembléia realizada na Coreia do Sul aprovou a alteração na Declaração de Helsinki com o objetivo de incluir o aval aos estudos com placebo.

O Conselho Federal de Medicina (CFM), porém, reagiu e baixou a Resolução número 1.885/08. Em seu artigo primeiro, diz: “É vedado ao médico vínculo de qualquer natureza com pesquisas médicas envolvendo seres humanos que utilizem placebo em



“As pesquisas com placebo trazem vantagens produtivas para os laboratórios. A evidência do benefício é muito maior quando uma pílula de farinha é o termo de comparação”

Marisa Palácios

seus experimentos quando houver tratamento eficaz e efetivo para a doença pesquisada”. Para o CFM, o uso do placebo só está liberado nos casos em que não há tratamento eficaz disponível.

“Até então, a Declaração de Helsinki dizia que qualquer paciente que participa de uma pesquisa de um novo medicamento tem que ter acesso ao melhor tratamento já existente”, lembra a professora de Bioética da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Marisa Palácios. “Apesar disso, os estudos com placebo começaram mesmo antes de sua liberação, sob a justificativa de que nos países onde eram realizados os testes não havia acesso aos melhores tratamentos”, diz Marisa, que também integra a Comissão Nacional de Ética e Pesquisa (Conep) do Conselho Nacional de Saúde.

Os chamados países periféricos, acrescenta a professora, são as principais vítimas da medida. A realidade africana, por exemplo, foi mostrada num tom quase documental no drama *O Jardineiro Fiel*, do diretor Fernando Meirelles. O filme conta a história de uma mulher perseguida por denunciar um laboratório que realiza pesquisas com placebo.

“Se você vai pesquisar um novo medicamento para mulheres grávidas infectadas pelo vírus HIV, por

exemplo, é um absurdo fazer uma pesquisa com placebo sabendo que a transmissão acontece da gestante para o bebê e que existe um tratamento para reduzir as chances de infecção”, opina Marisa. “O placebo é o não-tratamento. Testar uma substância com princípio terapêutico contra outra que não tem nada é antiético”, completa o oncologista Carlos Henrique Debenedito Silva, da Unidade de Cuidados Paliativos do Instituto Nacional do Câncer (Inca).

Além de colocar a vida de pacientes em risco, o ponto de vista defendido por países como a Inglaterra, onde o Conselho de Bioética Nuffield segue a mesma lógica da decisão aprovada pela Associação Médica Mundial, sugere a existência de uma ética para o pesquisador e outra para o médico. Para Debenedito Silva, no entanto, a ética nas pesquisas é indivisível: “Acima de tudo, a proteção do sujeito da pesquisa deve ser um compromisso de todos”.

Há um evidente conflito de interesse, como explica Marisa. “Na condição de pesquisador, trabalhando para determinados laboratórios, o profissional acaba sofrendo pressões, acaba esquecendo que é, antes de tudo, médico”, afirma. Debenedito Silva concorda. “As instituições que realizam pesquisas biomédicas devem se precaver das ofertas de interesse exclusivo dos

proponentes. Sabemos que o interesse econômico dos grandes *players* da indústria farmacêutica pode distorcer a abordagem ética das pesquisas”, alerta.

Segundo a professora, o placebo barateia os custos. Vale lembrar que os estudos para o lançamento de um novo medicamento podem levar mais de 10 anos e consumir milhões, bilhões de dólares. Até a atual crise econômica mundial, os grandes laboratórios investiam mais de US\$ 1 bilhão por ano na rubrica pesquisa e desenvolvimento.

“As pesquisas com placebo trazem vantagens produtivas para os laboratórios. A evidência do benefício é muito maior quando uma pílula de farinha é o termo de comparação”, explica Marisa. “Para dizer que o remédio novo é melhor que o antigo, é preciso haver uma diferença significativa

entre os dois. E, para que tal diferença exista, é preciso testar o remédio num grande número de pacientes. Já se o termo de comparação é o placebo, o número necessário de pessoas para comprovar a eficácia do medicamento é menor.”

Vinculados a universidades e instituições de pesquisa, os Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) têm por missão avaliar os estudos propostos antes de eles serem colocados em prática. “A análise dos riscos é rigorosa. A expertise dos CEPs está em identificar a proposta de uso do não-tratamento quando inexistente justificativa”, explica Debenedito Silva.

Mas, mesmo quando o tratamento é inexistente, é preciso primar pela ética. “Não posso simplesmente chegar para o paciente, dizer que vou incluí-lo numa pesquisa e ministrar placebo sem que ele saiba. Quem participa desse tipo de estudo precisa ser totalmente esclarecido quanto aos riscos que corre”, defende Marisa.

O desenho nas pesquisas, explica a professora, é duplo-cego. Ou seja, o paciente não sabe o que está tomando e o médico, contratado pelo laboratório que realiza o estudo, também desconhece se está receitando o medicamento novo ou o antigo. Ele apenas anota o número do remédio e quem tem o controle sobre o procedimento é o pesquisador. Se algum dos doentes der sinais de piora durante a pesquisa, ele deve ser afastado pelo médico para tratamento.

“Imagine um projeto em que o placebo é o termo de comparação. O médico ministra o placebo e o paciente passa mal. Como é que ele vai fazer para afastar o paciente para tratamento se o interesse do laboratório é aprovar o medicamento o mais rápido possível?”, questiona Marisa.

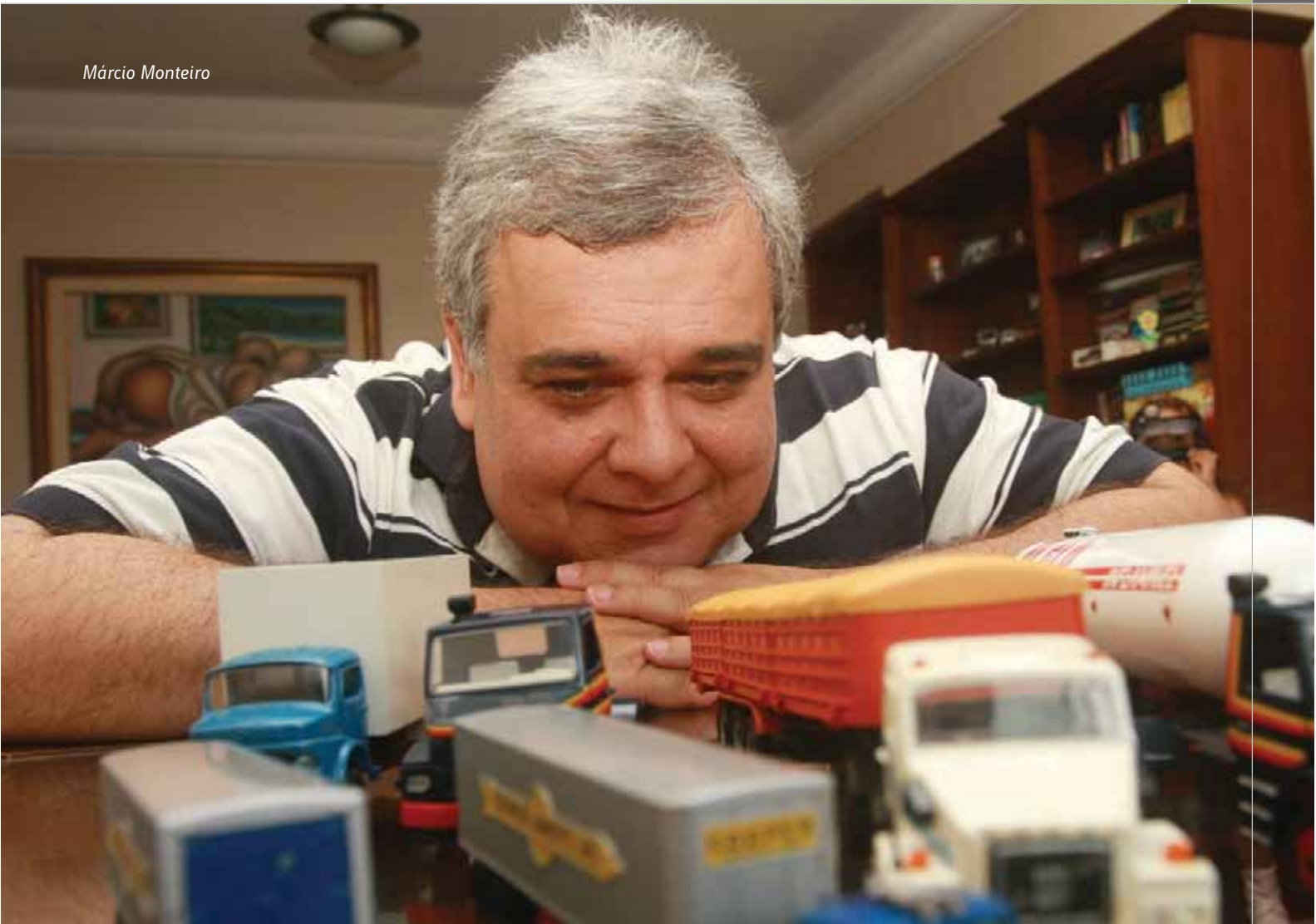
Para Debenedito Silva, a posição das entidades médicas brasileiras na assembléia da Associação Médica Mundial é um caminho para se tentar diminuir a influência dos laboratórios na pesquisa. Outros caminhos, segundo Marisa, são a conscientização da população e a instituição de políticas de controle por universidades ou organizações de classe. “No entanto, mais que controle, devemos pensar sobre as melhores maneiras de produzir conhecimento”, reflete a médica. ■



“O placebo é o não-tratamento. Testar uma substância com princípio terapêutico contra outra que não tem nada é antiético”

Debenedito Silva

Márcio Monteiro



Colecionar é a maior diversão

De carros antigos a brinquedos de Kinder Ovo, o hobby de médicos colecionadores

Sejam carrinhos Matchbox, sejam peças de cristal, sejam brinquedinhos dos chocolates Kinder Ovo. Colecionar é o hobby preferido de médicos que não medem esforços para encontrar os objetos do desejo: pesquisam na internet, viajam e não perdem feirinhas de antiguidade. Nessa busca incessante, vivem histórias divertidas. Essa matéria, claro, coleciona alguma delas.

Desde seus primeiros álbuns de figurinhas, ainda criança, o radiologista Márcio Monteiro juntou de tudo um pouco. Hoje

acumula mais de 20 mil objetos, divididos em várias coleções. Só os carrinhos Matchbox antigos somam cerca de 3 mil peças, que incluem raridades como as miniaturas fabricadas pela Roly Toys na década de 60. Monteiro, que na infância juntava a mesada para comprar tais carrinhos, orgulha-se de preservá-los ao longo dos anos – muitos deles ainda nas caixas originais.

O gosto pelas miniaturas de Matchbox é tanto que, além de buscar novas aquisições na internet, em classificados e

em feiras, o radiologista chegou a ir quatro vezes a São Paulo atrás de uma coleção especial. “Eu e um amigo descobrimos uma coleção de 100 miniaturas à venda numa cidade do interior de São Paulo. Fomos lá quatro vezes até encontrarmos o vendedor. Pagamos R\$ 6 mil por uma coleção que pode valer R\$ 10 mil”, gaba-se Monteiro, dono também de uma premiada coleção de selos clássicos do Brasil imperial, que recebeu do pai como presente de formatura.

Mas a maior e mais inusitada de suas coleções é a de plásticos de propaganda antigos. São cerca de 13 mil plásticos, conservados com muito cuidado em 26 álbuns. A maioria deles era distribuída, nos anos 60, por estabelecimentos comerciais como as Casas Olga e Ducal e os supermercados Disco. “Naquela época, a mídia ainda era incipiente e os plásticos funcionavam como propaganda. Eu entrava de loja em loja com amigos e batalhava para conseguir um. Aquilo era uma febre na juventude”, recorda-se o colecionador profissional, que mais recentemente começou também a juntar brinquedinhos de Kinder Ovo. “Quando não estou trabalhando nem estudando, estou mexendo nas coleções e buscando mais coisas para colecionar.”

Aos sábados, o destino de colecionadores como Monteiro é a feira de antiguidades da Praça XV, no Centro do Rio de Janeiro. Lá, o cirurgião plástico Sérgio Rebelo mais que vender objetos na sua barraca aproveita a oportunidade para garimpar novos itens para suas coleções de biscoiteiras alemãs, pratos decorativos, garrafas de cristal, lustres, relógios e miniaturas de animais produzidas pelo artista brasileiro Abraham Palatnik. Uma das mais recentes aquisições foi uma biscoiteira de cristal alemã fabricada durante a Primeira Guerra Mundial. “Colecionar é um negócio de maluco”, brinca o cirurgião, que confessa já ter gasto R\$ 800 num conjunto alemão de bandeja, copos e garrafa de metal. “Quando você começa a colecionar, você quer ter tudo, depois é que vai ficando mais seletivo”, explica ele, cuja coleção de pratos conta com um exemplar confeccionado pela antiga Companhia das Índias.

Outro garimpeiro de objetos antigos é o pneumologista pediatra Clemax Sant’Anna. Para formar a sua coleção, ele teve de literalmente arregaçar as mangas e procurar em demolições. Isso porque Sant’Anna coleciona pregadores de janelas antigos, com formato

Clemax Sant’Anna



Sérgio Rebelo




de rostos humanos ou animais, produzidos em ferro fundido. O primeiro foi encontrado por acaso, numa casa demolida: “Peguei o objeto, sujo de tinta, e comecei a raspar, quando percebi tinha um rosto”, conta Sant’Anna. “Era uma verdadeira obra de arte”, diz ele, que encomendou ao artista plástico Paulo Rocha uma peça para acomodar e exibir, na sala de casa, a coleção de 25 pregadores. “Alguns têm mais de um século”, afirma.

Quem também faz questão de mostrar ao mundo suas preciosidades é o anestesista Henri Braunstein. Admirador de carros antigos, ele costuma desfilar com a sua coleção pelas ruas e rodovias do país. “Já enguiciei muitas vezes. Nem me estresso mais. Tenho um carro novo, mas gosto mesmo de dirigir os antigos”, revela o anestesista, membro da diretoria do Veteran Car Club do Rio de Janeiro. Braunstein, que é dono de um Fusca 61, um Karmann Guia 69 e uma Dodge Station Wagon

50, usada na abertura da novela *Três Irmãs* da Rede Globo, ainda dedica especial atenção à restauração dos veículos. “Todos são originais, com estofado e interior da época, esse é um trabalho que pode durar anos e exige paciência para se encontrar acessórios que pararam de ser fabricados.” ■



Henri Braunstein

An illustration of a hand holding a coin. The hand is rendered in a stylized, cartoonish manner with thick black outlines and a warm, orange-gold color palette. The hand is positioned as if about to drop or release the coin. The background is a dark, moody scene with a red and purple color scheme, featuring soft, out-of-focus light spots that suggest an indoor setting with ambient lighting. The overall composition is dramatic and emphasizes the act of giving or spending money.

Ceder ao 'mamãe, eu quero' pode ser perigoso

Ensinar às crianças o valor do dinheiro é dever dos pais

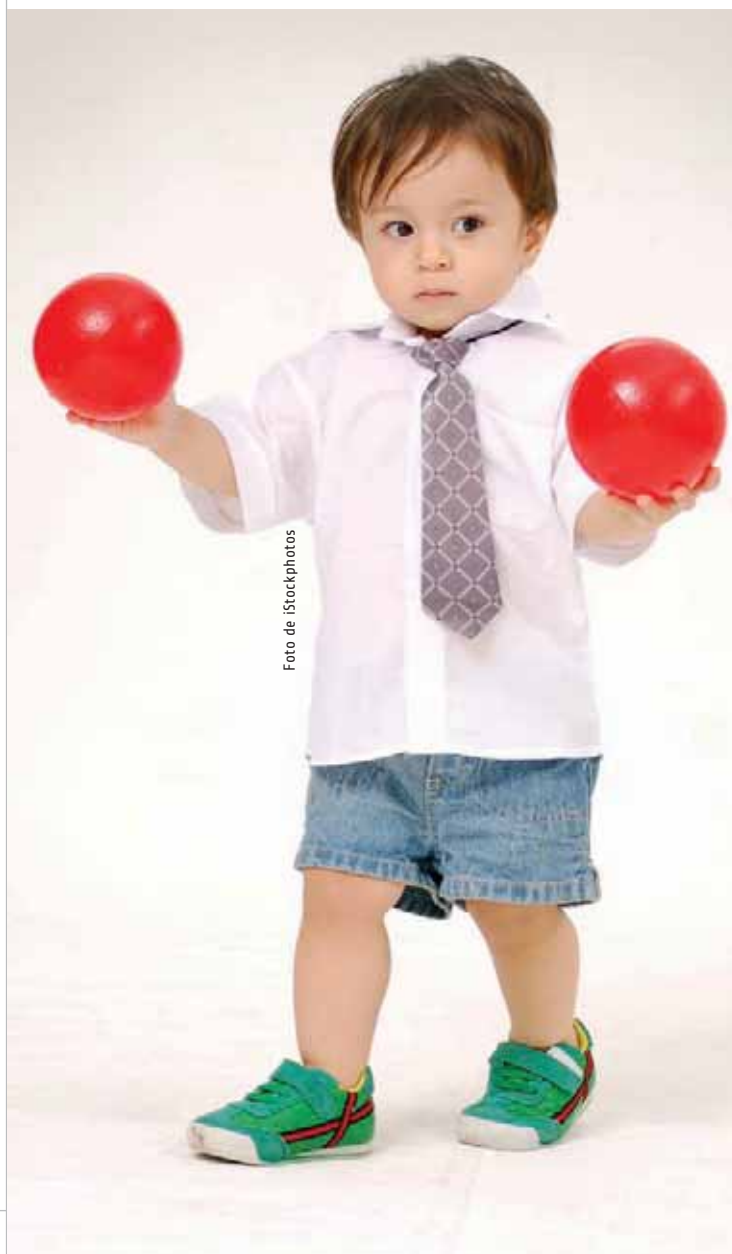


Desde que a publicidade percebeu o poder que os filhos exercem sobre os pais e elegeu as crianças como público-alvo, o consumo passou a fazer parte dos hábitos infantis. E o consumismo estimulado pelos incontáveis anúncios de brinquedos, roupas e jogos eletrônicos tornou-se um pesadelo para boa parte dos adultos, que precisam descobrir como equilibrar os mimos com as contas. Ensinar

aos jovens desde cedo a resistir às pressões da publicidade, evitando que se tornem consumidores irresponsáveis, é tarefa que cabe exclusivamente aos pais, diz a pedagoga e especialista em educação financeira Cassia D'Aquino.

“Os pais são as principais referências para os filhos. Se eles forem consumidores conscientes,

as crianças crescerão dando ao dinheiro sua dimensão real, sem supervalorizá-lo, como objetivo maior da vida, nem utilizá-lo apenas para satisfazer desejos imediatistas”, observa Cássia. O exemplo financeiro da família deve ser aliado a demonstrações da relação existente entre o trabalho e o ganho de dinheiro, acredita a especialista, autora de *Educação Financeira – Como Educar Seu Filho* (Campus/Elsevier, Coleção Expo Money). “A partir dos dois anos e meio, três anos, as crianças descobrem que o dinheiro serve para comprar coisas coloridas, divertidas e gostosas. E a publicidade vai apresentar produtos que interessam a elas. Cabe aos pais, então, exercer seu papel, orientando e negando a compra do que está fora do orçamento da família.”



Com cinco filhos de três casamentos, o ginecologista e obstetra Marcelo Burlá não se dá ao luxo de ceder às pressões dos pequenos consumistas. “Quanto mais jovens, mais eles ficam ligados aos lançamentos anunciados pela TV. Querem mochilas de grife, carrinhos de marca, mas não é sempre que conseguem”, garante.

Enquanto o filho mais velho, Pedro, de 11 anos, conforma-se com as recusas do pai, as meninas Mariana, de oito, e Sarah, de seis, usam toda a sorte de artifícios para comovê-lo: “Elas fazem bico, são muito sedutoras. Pedro é mais argumentador, mas é quem melhor compreende quando não é possível ter sua vontade satisfeita”. Difícil mesmo é ouvir a choradeira dos gêmeos David e Nicola, de três anos. “Eles já conhecem marcas de carrinhos e insistem para que compremos tudo o que vêem na televisão. No fim, têm que aprender a se conformar”, diz Burlá, que tem as mães das crianças como aliadas no combate ao consumismo desenfreado.

“A mãe do Pedro é de origem oriental, vem de uma cultura avessa ao culto consumista. A mãe da Mariana também é linha-dura com os excessos. E minha mulher, Janaína, é muito rígida quanto a gastos ou ostentações”, conta o médico, que espera os pequenos crescerem mais para levar todos juntos à Disneylândia. “Sarah é a única em sua turma de colégio que ainda não foi à Flórida. Mas isso não é um problema para ela. Em criança, eu lidei com situações semelhantes na escola sem sofrimento, pois meus pais haviam me avisado que eu teria de conviver com crianças mais ricas. Isso me faz procurar mostrar aos meus filhos que devemos ter consciência de nossas próprias possibilidades e que nada deve ser descartado, comprado, usado e jogado no lixo”, afirma.

O hemoterapeuta e hematologista Luiz Gonzaga Lula de Oliveira Lima, por sua vez, confessa sentir-se tentado a mimar a filha Louise, de quatro anos, e o enteado Felipe, de 13. A justificativa é a de que foi pai tardiamente, apenas aos 54 anos. Mesmo assim,

quando fraqueja ante os pedidos da filha, a mãe da menina, a dermatologista Silvana, o refreia. “Felipe, que mora conosco, é muito controlado. Desde pequeno, apaga as luzes, desliga a televisão”, diz Lima, que credita as atitudes do enteado ao exemplo que o menino recebe dos adultos.

“Ele percebe que as aulas de música, idiomas e as atividades esportivas que pratica têm um custo. Isso o tornou imune ao bombardeio da publicidade na TV, algo que não existia quando eu era menino porque meu tempo livre era gasto na rua, jogando bola com a garotada. Ninguém pensava na criança como um consumidor. Nem no adolescente. Só fui ganhar mesada quando estava no ensino médio e ela mal cobria o cineminha do fim de semana. O dinheirinho contado não causava sofrimento. Ao contrário, a gente aprendia a dar valor às coisas porque elas não vinham facilmente”, lembra o hematologista.

Tanto Cássia D’Aquino quanto o economista Rodney Vergili concordam que a mesada é uma das melhores maneiras de ensinar disciplina financeira aos jovens. No entanto, ela deve ser concedida apenas a maiores de 11 anos, segundo Cássia, pois antes a criança não tem noção de tempo, o que dificulta a administração do dinheiro por um longo período. Já os menores de 11 e maiores de sete anos devem receber semanada. Os dois especialistas concordam que os pais precisam determinar datas fixas para a concessão da mesada ou semanada, a fim de que o filho possa planejar sua vida financeira.

“A alfabetização financeira começa pela mesada. É importante desde cedo perceber a importância do dinheiro, entender a dificuldade de ganhá-lo, aprender a administrá-lo da melhor maneira, poupando quando possível. Nem gastador nem pão-duro. O fundamental é ter equilíbrio e bom senso na hora de usar e poupar. A mesada é o instrumento para a educação financeira. Quem recebe a mesada deve aprender que ela deve durar até o final do período e não gastar metade no primeiro dia”, ensina Vergili, que divide com Ricardo Humberto da Rocha a autoria do livro *Como Esticar seu Dinheiro*:

Fundamentos da Educação Financeira (Campus/Elsevier, coleção Expo Money).

Cássia alerta, ainda, para a importância de mostrar a realidade financeira aos filhos mesmo em períodos de prosperidade. “Agora, com uma crise mundial, todos se animam a falar sobre dinheiro. Mas mostrar que o dinheiro faz parte de nossa vida, que não dá em árvores é mais fácil do que parece. Crianças que acompanham os pais ao supermercado, que vêem a elaboração de uma lista de compras, percebem que não se deve gastar baseado em impulsos. Quando agimos com moderação e cautela na hora de comprar, estamos procurando formar filhos responsáveis como consumidores”, acredita. ■

DICAS

* A semanada pode ser instituída a partir dos sete anos ou quando a criança começa a comprar lanche na escola

* A mesada só é eficaz se entregue após os 11 anos. E sem que haja complementação das despesas que ela precisa cobrir (cinema, passeios etc) pelos pais, caso o dinheiro se acabe antes da data do próximo pagamento

* Os pais precisam adotar uma periodicidade para o pagamento e cumprir o dia marcado para a entrega da mesada/semanada

* O valor da mesada/semanada deve levar em conta os gastos da criança. Dar quantias muito altas a menores de 12 anos é bobagem, pois dificilmente eles terão em que gastar grandes somas de dinheiro. Ideal é que a quantia cubra despesas com lanches e diversão

* Qualquer que seja o valor, é importante ensinar a guardar uma parte, investido o dinheiro em cadernetas de poupança, por exemplo



Conheça o coração da floresta

Hotéis e passeios na selva do Amazonas aliam turismo sustentável e contato direto com a natureza

Foto de Silvano Patrão



Pergunte a opinião de quem já fez turismo na floresta amazônica. A resposta certamente vai incluir cobras, lagartos e outros animais. A maior floresta tropical do mundo é uma viagem inesquecível. A começar pelo espetáculo da junção das águas dos rios Negro e Solimões, que pode ser visto desde o avião, os visitantes

terão várias imagens do coração da selva para lembrar. Com uma área de 1,5 milhão de quilômetros quadrados, sendo quase a metade de áreas ambientais protegidas, o estado do Amazonas é o destino perfeito para quem quer ter uma experiência revigorante e inesquecível de ecoturismo na floresta amazônica e conhecer parte do





que há de mais exuberante na natureza brasileira. Dá até para segurar um jacaré numa noite de luar.

Os hotéis de selva estão entre as melhores opções de hospedagem. Nos pacotes estão inclusos traslado partindo de Manaus, caminhadas pela floresta com guias nativos, *trekking*, canoagem e visitas a comunidades ribeirinhas. Entre os passeios, destacam-se a focagem noturna de jacarés, a pescaria de piranhas e a oportunidade de nadar com botos cor-de-rosa.

Às margens do rio Tarumã, o Amazon EcoPark Lodge é um dos hotéis que conjugam turismo e conservação ambiental. Quem se hospeda lá contribui para a manutenção da Fundação Floresta Viva, que, dentre outras coisas, mantém um centro de reabilitação de primatas aberto à visitação. Já o Ariaú Amazon Towers, considerado o maior complexo hoteleiro na selva amazônica,   conhecido pelos quartos que ficam



literalmente na copa das árvores. O hotel, localizado à beira do rio Negro, oferece, além dos passeios tradicionais, adicionais como sobrevôos pela floresta. Outra opção é o Malocas Jungle Lodge, no município de Rio Preto da Eva, às margens do rio de mesmo nome. A luz solar é a fonte de energia neste hotel, que promove visitas às tribos indígenas Tucanos e Saterê-Mawé.

Para os que preferem viajar pelas águas dos rios amazônicos com conforto e luxo, existem opções de cruzeiros sofisticados. Com 270 pés e 72 suítes, o Iberostar Grand Amazon, por exemplo, tem itinerários pelos rios Solimões e Negro. Neste último, o destaque fica por conta da visita ao arquipélago de Anavilhanas, o segundo maior do estado. Com cerca de 40 mil ilhas no município de Novo Airão, o arquipélago também conta com hospedagem no Anavilhanas Ecolodge, onde é comum a prática de arco e flecha com materiais produzidos pelos índios Waimiri-Atroari. ■



ONDE FICAR*

Amazon Ecopark Lodge

Tel.: (21) 2547-7742 / (92) 9146-0570

www.amazonecopark.com.br

Três noites a partir de R\$ 1.080** por pessoa, em quarto duplo, com refeições, traslado de Manaus e passeios

Anavilhanas Jungle Lodge

Tel.: (92) 3622-8996

www.anavilhanaslodge.com

Três noites a partir de R\$ 1.425** por pessoa, em quarto duplo, com refeições, traslado de Manaus e passeios

Ariaú Amazon Towers

Tel.: (21) 2254-4507 / (92) 2121-5000

www.ariautowers.com.br

Três noites a partir de R\$ 1.980** por pessoa, em quarto duplo, com refeições, traslado de Manaus e passeios

Malocas Jungle Lodge

Tel.: (92) 3648-0119 / (92) 9128-4742

www.malocas.com

Três noites a partir de R\$ 800** por pessoa, em quarto duplo, com refeições, traslado de Manaus e passeios

Iberostar Grand Amazon

Tel.: (92) 2126-9900

www.iberostar.com.br

Diárias a partir de R\$ 740** por pessoa, em cabine dupla, com refeições e bebidas incluídas

* Qualquer que seja a opção de hospedagem, é preciso tomar vacina contra a febre amarela pelo menos 10 dias antes de viajar

** Preços pesquisados em dezembro/08



No compasso do coração

Monitores cardíacos para todo e qualquer exercício

Engana-se quem pensa que quanto mais esforço se realiza numa atividade física mais calorias se está queimando. O esforço excessivo, além de significar riscos à saúde, não é tão eficiente quanto o exercício realizado de maneira correta. Para potencializar os resultados, importante é manter a frequência cardíaca. E uma boa forma de controlar os batimentos do coração são os monitores cardíacos ou frequencímetros –

aparelhos que se constituem numa cinta enviando informações sobre as funções do corpo para um relógio de pulso. Não faltam, no mercado, opções de modelos, marcas e funções. Alguns frequencímetros são capazes até de informar a quantidade de calorias que foi gasta num exercício. Os preços começam em R\$ 199, mas podem chegar a R\$ 2.000*, como no caso dos frequencímetros dotados também de GPS.

Fotos de divulgação



NIKE TRIAX C8

O formato em “5” facilita a visualização da tela. Registra o tempo de voltas, tempo acumulado e batimento médio. Tem capacidade para armazenar as informações de até 50 voltas. Avisa quando o exercício está fora da zona-alvo. Por R\$ 759

OREGON SE211

Mede a frequência cardíaca máxima através da cinta transmissora, que pode ficar a até uma distância de 62 metros. Tem garantia de três anos. Custa R\$ 199





POLAR F55

A conectividade é o forte desse modelo, que transfere os dados dos exercícios para o computador. O programa exclusivo da Polar analisa as informações e é capaz de informar a distância, a intensidade e a duração dos exercícios. Por R\$ 549

TIMEX BODYLINK GPS TI5C391

Alia monitor cardíaco e GPS num só aparelho, com um mostrador simultâneo para as duas funções. O navegador fornece informações sobre latitude e longitude, além da leitura dos pontos cardeais durante o exercício. A R\$ 1.999



OREGON SCIENTIFIC SE300

Calcula as calorias consumidas, a porcentagem de gordura queimada e a média de batimentos cardíacos. Além de estabelecer uma faixa de frequência ideal, permite que se programe também uma velocidade mínima e máxima. Tem três anos de garantia e sai a R\$ 499. ■



* Preços pesquisados em dezembro/08

O modelo ideal

O freqüencímetro pode ser um brinquedo caro demais para quem pratica exercícios com pouca regularidade. Além disso, somente atletas precisam optar por modelos mais sofisticados, que enviam as informações dos treinos para o computador. “Geralmente os atletas usam aparelhos mais completos, que auxiliam na manutenção de uma frequência cardíaca segura e são úteis não só no treinamento como também durante as próprias competições”, diz o cardiologista Marcos Brazão, especialista em Medicina do Esporte.



NIKE HRM-IMARA

Especialmente desenvolvido para mulheres, pesa menos do que os outros aparelhos e tem design mais delicado. Fornece batimentos cardíacos, contador de calorias e zona-alvo programável. Custa R\$ 439



Cem anos com cara de novo

Theatro Municipal atravessa sua mais significativa reforma desde 1934

Os primeiros carros cortavam as ruas do Rio de Janeiro, uma cidade que passava por grandes transformações urbanas no início do século passado. O povo presenciava o alargamento de ruas e a construção de prédios grandiosos. Símbolo da época que ficou conhecida como *belle époque* carioca, o Theatro Municipal completa cem anos. As comemorações iniciam-se em julho, na data do aniversário, com a casa renovada.

É a reforma mais significativa desde 1934, quando a capacidade do teatro foi ampliada para 2.205 espectadores. Posteriormente, com algumas adaptações, chegou-se aos 2.361 lugares de hoje. Iniciada em outubro do ano passado, as obras, orçadas em R\$ 50 milhões, incluem restauros do

telhado e da parte arquitetônica. O telhado voltará a ter o dourado do projeto original.

Além das partes elétrica e hidráulica, a sala de espetáculos será repaginada, com direito a novos projetos de acústica e iluminação, poltronas, ar-condicionado e elevadores. Os acessos serão adaptados para portadores de necessidades especiais.

A reforma da parte arquitetônica será um dos maiores presentes para o público. O Salão Assyrus, uma das jóias do Municipal, também sofrerá restauros. Na decoração com temas em homenagem à Babilônia, destacam-se, além das colunas com cabeças de touro em estilo persa,

oito quadros do artista Gian Domenico Facchina. O italiano Facchina fez o revestimento de mosaico da Ópera de Paris, prédio que inspirou os arquitetos do Municipal.

A pintura do *foyer*, formada por três painéis de autoria de Eliseu Visconti, também será recuperada. Os dois laterais estavam em péssimo estado de conservação, atingidos por infiltrações e finalmente poderão ser apreciados pelo público.

Rodolfo Bernardelli autor das esculturas do Municipal, é outro que terá suas obras recuperadas. Ao lado de Visconti e do irmão, Henrique Bernardelli, os três eram os maiores nomes da arte decorativa brasileira da época da construção do Theatro. Foram eles que deram o toque final ao prédio construído com materiais nobres como mármore belga e italiano e vitrais importados.

Até agora, a reforma revelou paredes que chegaram a ter nove cores diferentes ao longo do centenário. Como a da chapelaria, que já foi verde, azul, rosa, marrom e de quatro tons de bege diferentes. Os restauradores também comprovaram uma suspeita antiga: as águias sobre o edifício e o telhado tinham um folheado em ouro, que será recuperado.

Entre tantas surpresas, uma, porém, não foi tão agradável. Os restauradores encontraram dois buracos de bala no telhado do prédio projetado pelo engenheiro Francisco de Oliveira Passos, filho do então prefeito Pereira Passos.

Ao lado da abertura da Avenida Central, atual Rio Branco, o Municipal foi uma das grandes realizações

de Pereira Passos. As obras de construção duraram quatro anos, embora o projeto para a construção de um novo teatro à altura das artes cariocas existisse desde 1894. Foi naquele ano que se promulgou uma lei municipal criando uma taxa de financiamento para a empreitada. Até então a grande casa teatral da época era o Teatro Lírico, que funcionava onde é hoje a Avenida 13 de Maio.

Para decepção do autor teatral Arthur Azevedo, que organizou a campanha em prol da construção do teatro, o dinheiro arrecadado nunca foi usado para a compra de um tijolo sequer. Escritor de mais de 200 peças teatrais, Azevedo morreu em 1908, antes de o Municipal ficar pronto.

A ideia só foi retomada em 1903, com o prefeito Pereira Passos, que lançou edital para a apresentação de projetos para a construção do Theatro Municipal. Encerrado o prazo do concurso, em março de 1904, havia sete projetos. Os dois primeiros colocados ficaram empatados: o Águila, pseudônimo do engenheiro Francisco de Oliveira Passos, e o Isadora, pseudônimo do arquiteto francês Albert Guilbert, vice-presidente da Associação dos Arquitetos Franceses.

Como não poderia deixar de ser, a história se tornou tema favorito da fervilhante imprensa carioca da época. O resultado foi motivo para uma longa polêmica na Câmara Municipal: quem teria sido o verdadeiro autor do projeto Águila? Alguns chegaram a denunciar que a autoria dos traços inspirados na Ópera de Paris era da seção de arquitetura da Prefeitura. Outros, irônicos, atribuíam o favoritismo de Oliveira Passos ao fato de ele ser filho do prefeito. Como decisão final, optou-se pela fusão dos dois projetos. ■



Foto de divulgação / Cedoc TM



Foto de divulgação / Jean Jacques Limbourg

EM FOCO

MÉDICOS NA ERA DIGITAL

Os médicos do estado do Rio de Janeiro já podem criar gratuitamente a sua página pessoal na internet através do site do Cremerj. Mesmo aqueles que pensam não ter intimidade com a web não encontrarão dificuldades para utilizar a plataforma. É só inserir, de forma rápida e simples, informações como currículo, contatos, endereço do consultório, serviços oferecidos e até personalizar a página com fotos. Para criar a própria página, basta acessar a área restrita aos médicos no site www.cremerj.org.br. O Cremerj lembra, porém, que o conteúdo das páginas pessoais é de inteira responsabilidade dos médicos que as mantiverem.

MUDANÇA NO CNES

Após a intervenção do Cremerj, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) estabeleceu que os médicos do estado do Rio de Janeiro não estão obrigados a efetuar o registro no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES) como pessoa física. Tal suspensão deve-se às dificuldades encontradas para efetuar o registro no CNES junto à Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, as operadoras de planos de saúde, de qualquer natureza, estão proibidas de exigir do médico a apresentação do registro no CNES.

ABERTAS INSCRIÇÕES PARA EVENTOS DO FÓRUM CREMERJ

Médicos e acadêmicos de Medicina do estado do Rio de Janeiro estão convidados a participar dos eventos do Fórum Cremerj, um espaço criado para oferecer cursos de educação médica continuada, seminários e reuniões. Para se inscrever no Fórum, basta acessar o site do Cremerj, no endereço www.cremerj.org.br. Os acadêmicos devem, ainda, enviar a comprovação da universidade para o e-mail seccat@cremerj.org.br. Mais informações pelo telefone (21) 3184-7050, ramais 7130 a 7137.

E não deixe de acompanhar as novidades do Fórum Cremerj divulgadas no site do Conselho, já que as inscrições são limitadas. Está programado, para o próximo dia 14 de março, das 9h às 12h, o Fórum do Grupo de Trabalho sobre Micobacterioses - Novos Desafios no Tratamento das Micobacterioses - Recidiva, Esquemas Terapêuticos e Perspectivas. E, no dia 28 de março, das 9h às 13h, será a vez do III Seminário em Medicina Ortomolecular do Cremerj. Participe!

PROJETO DA UFRJ PROMOVE EVENTOS PARA MÉDICOS

Desde o início dos anos 70, o Fórum de Ciência e Cultura, criado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), busca integrar o conhecimento acadêmico ao cotidiano da sociedade através de projetos nas áreas de ciências, artes e política. Curadora do Projeto Cultura e Saúde, a gastroenterologista Elizabeth Castro é responsável pelos eventos culturais e debates voltados para área médica.

“Em maio, faremos um fórum multidisciplinar sobre violência familiar contra a criança, realizado em parceria com a Sociedade Brasileira de Pediatria”, antecipa a médica. O evento vai reunir pediatras, psicólogos, educadores e cientistas sociais para debater os reflexos da violência doméstica no desenvolvimento escolar das crianças. Já a quinta edição do Fórum da Linguagem será realizada em junho, com a participação de médicos, antropólogos e linguistas. “A maioria dos eventos são gratuitos e não estão restritos aos médicos do Hospital do Fundão, todos podem participar”, convida Elizabeth. Para saber mais sobre os eventos e como fazer sua inscrição, visite o site www.forum.ufrj.br.

Endereços do CREMERJ

SEDE

Praia de Botafogo, 228, loja 119b - Botafogo
Telefone: (21) 3184-7050
E-mail: cremerj@cremerj.org.br

SUBSEDE BARRA DA TIJUCA

Avenida das Américas, 3.555, 2º piso, sala 226, bloco 1 - Barra da Tijuca
Telefones: (21) 2432-8987 / 3325-1078
E-mail: barradatijuca@cremerj.org.br

SUBSEDE CAMPO GRANDE

Avenida Cesário de Melo, 2.623, sala 302 - Campo Grande
Telefone: (21) 2413-8623
E-mail: campogrande@cremerj.org.br

SUBSEDE ILHA DO GOVERNADOR

Estrada do Galeão, 826, 1º piso, loja 110 - Ilha do Governador
Telefone: (21) 2467-0930
E-mail: ilha@cremerj.org.br

SUBSEDE MADUREIRA

Estrada do Portela, 29, sala 302 - Madureira
Telefone: (21) 2452-4531
E-mail: madureira@cremerj.org.br

SUBSEDE MÉIER

Rua Dias da Cruz, 188, loja 219 - Méier
Telefone: (21) 2596-0291
E-mail: meier@cremerj.org.br

SUBSEDE TIJUCA

Rua Soares da Costa, 10, loja 324 - Tijuca
Telefones: (21) 2565-5517 / 2204-1493
E-mail: tijuca@cremerj.org.br

SECCIONAIS

MJ: *municípios de jurisdição*

SECCIONAL MUNICIPAL DE ANGRA DOS REIS

MJ: Angra dos Reis, Parati, Mangaratiba e Itaguaí
Rua Professor Lima, 160, salas 506 e 507 - Centro
Telefones: (24) 3365-0330 / 3365-0793
E-mail: angra@cremerj.org.br

SECCIONAL MUNICIPAL DE BARRA DO PIRAI

MJ: Barra do Piraí
Rua Tiradentes, 50, sala 401 - Centro
Telefone: (24) 2442-7053
E-mail: barradopirai@cremerj.org.br

SECCIONAL MUNICIPAL DE BARRA MANSA

MJ: Barra Mansa, Rio Claro e Quatis
Rua Pinto Ribeiro, 103 - Centro
Telefone: (24) 3322-3621
E-mail: barramansa@cremerj.org.br

SECCIONAL MUNICIPAL DE CABO FRIO

MJ: Cabo Frio, Arraial do Cabo, Araruama, Saquarema, Armação de Búzios, Iguaba Grande e São Pedro da Aldeia
Avenida Julia Kubitschek, 39, sala 112 - Jardim Riviera
Telefone: (22) 2643-3594
E-mail: cabofrio@cremerj.org.br

SECCIONAL MUNICIPAL DE CAMPOS

MJ: Campos dos Goytacazes, São Fidélis, São João da Barra, Cardoso Moreira e São Francisco de Itabapoana
Praça São Salvador, 41, sala 1.405 - Campos
Telefones: (22) 2723-0924 / 2722-1593
E-mail: campos@cremerj.org.br

SECCIONAL MUNICIPAL DE ITAPERUNA

MJ: Itaperuna, Bom Jesus do Itabapoana, Cambuci, Itaocara, Aperibé, Santo Antonio de Pádua, Miracema, Lago do Muriaé, São José de Ubá, Natividade, Porciúncula, Varre e Sai e Italva
Rua Dez de Maio, 626, sala 406 - Centro
Telefone: (22) 3824-4565
E-mail: itaperuna@cremerj.org.br

SECCIONAL MUNICIPAL DE MACAÉ

MJ: Macaé, Casimiro de Abreu, Silva Jardim, Rio das Ostras, Conceição de Macabu, Quissamã
Rua Doutor Luiz Belegard, 68, sala 103 - Centro
Telefones: (22) 2772-0535 / 2772-7584
E-mail: macae@cremerj.org.br

SECCIONAL MUNICIPAL DE NITERÓI

MJ: Niterói, São Gonçalo, Itaboraí, Tanguá, Maricá e Rio Bonito
Rua Miguel de Frias, 40, 6º andar - Icaraí
Telefones: (21) 2620-9952 / 2717-3177 / 2620-4170
E-mail: niteroi@cremerj.org.br

SECCIONAL MUNICIPAL DE NOVA FRIBURGO

MJ: Nova Friburgo, Bom Jardim, Trajano de Moraes, Santa Maria Madalena, São Sebastião do Alto, Cantagalo, Carmo, Sumidouro, Macuco, Cordeiro, Duas Barras e Cachoeira de Macacu
Rua Luiza Engert, 1, salas 202 e 203 - Centro
Telefones: (22) 2522-1778 / 2523-7977
E-mail: friburgo@cremerj.org.br

SECCIONAL MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU

MJ: Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Belford Roxo, Queimados, Japeri e Mesquita
Rua Doutor Paulo Fróes Machado, 88, sala 202 - Centro
Telefones: (21) 2667-4343 / 2668-7646
E-mail: novaiguacu@cremerj.org.br

SECCIONAL MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS

MJ: Petrópolis, Areal, São José do Vale do Rio Preto e Distrito de Piabetá
Rua Doutor Alencar Lima, 35, salas 1.208 a 1.210 - Centro
Telefones: (24) 2243-4373 / 2247-0554
E-mail: petropolis@cremerj.org.br

SECCIONAL MUNICIPAL DE RESENDE

MJ: Resende, Itatiaia e Porto Real
Rua Gulhot Rodrigues, 145, sala 405, Edifício Iade - Bairro Comercial
Telefone: (24) 3354-3932
E-mail: resende@cremerj.org.br

SECCIONAL MUNICIPAL DE SÃO GONÇALO

MJ: São Gonçalo, Itaboraí, Tanguá e Rio Bonito
Rua Coronel Serrado, 1.000, salas 907 e 908 - Zé Garoto
Telefone: (21) 2605-1220
E-mail: saogoncalo@cremerj.org.br

SECCIONAL MUNICIPAL DE TERESÓPOLIS

MJ: Teresópolis, Magé e Guapimirim
Rua Wilhelm Cristian Kleme, 680 - Ermitage
Telefone: (21) 2643-5830
E-mail: teresopolis@cremerj.org.br

SECCIONAL MUNICIPAL DE TRÊS RIOS

MJ: Três Rios, Sapucaia, Paraíba do Sul e Comendador Levy Gasparian
Rua Manuel Duarte, 14, sala 207 - Centro
Telefone: (24) 2252-4665
E-mail: tresrios@cremerj.org.br

SECCIONAL MUNICIPAL DE VALENÇA

MJ: Valença, Rio das Flores, Paty do Alferes e Miguel Pereira
Rua Padre Luna, 99, sala 203 - Centro
Telefone: (24) 2453-4189
E-mail: valenca@cremerj.org.br

SECCIONAL MUNICIPAL DE VASSOURAS

MJ: Vassouras, Engenheiro Paulo de Frontin, Mendes, Paracambi e Seropédica
Rua Expedicionário Oswaldo de Almeida Ramos, 52, sala 203 - Centro
Telefones: (24) 2471-3266 / 2471-6652
E-mail: vassouras@cremerj.org.br

SECCIONAL MUNICIPAL DE VOLTA REDONDA

MJ: Volta Redonda, Piraí e Pinheiral
Rua Vinte, 13, sala 101 - Vila Santa Cecília
Telefone: (24) 3348-0577
E-mail: voltaredonda@cremerj.org.br

**O MÉDICO
VALE MUITO**

www.quantovaleomedico.com.br

CREMERJ